



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI

CURSO DE LETRAS

**“ORGULHOSAS E FELIZES DE SERMOS MULHERES”: O DIÁLOGO
ENTRE *ETHÉ* EM DISCURSOS FEMINISTAS E ANTIFEMINISTAS**

Magali Beatriz Baierle

Lajeado, dezembro de 2019

Magali Beatriz Baierle

**“ORGULHOSAS E FELIZES DE SERMOS MULHERES”: O DIÁLOGO
ENTRE *ETHÉ* EM DISCURSOS FEMINISTAS E ANTIFEMINISTAS**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Letras, da Universidade do Vale do Taquari – Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Juliana Thiesen Fuchs

Lajeado, dezembro de 2019

AGRADECIMENTOS

Obrigada, mãe, por ter sido a primeira a me mostrar que não é preciso conhecer o feminismo para ser feminista. E por nunca ter me desencorajado de ser quem eu sou.

Obrigada, Bruna, Marcelli, Thais, Chimamanda, Ana, Márcia e tantas outras mulheres incríveis que viveram junto comigo este processo, direta ou indiretamente. E obrigada a todos os homens da minha vida, por lutarem por um mundo mais justo e sensível, mesmo sem perceber.

Obrigada, Mateus, pelas páginas transcritas, pelo apoio, pelos cafés feitos e pelas noites de terapia. O mundo seria mais feliz se todos pudessem ter ao lado alguém como você.

Obrigada, Aurélio, não só pelos sinônimos, mas por todas as noites em claro tentando entender o que raios era linguística. A Magali de hoje não existiria sem a sua ajuda.

Obrigada, prof. Kári e prof. Makeli, pela leitura sensível, pelas palavras, pelo apoio e por ajudar a tornar este texto mais coerente. Sempre será um privilégio dialogar com vocês.

Obrigada, especialmente, prof. Ju(liana), por ter comprado as minhas ideias malucas e nunca ter desistido do meu TCC. Obrigada, também, por (re)descobrir o mundo da AD e do feminismo comigo. Obrigada pela paciência e pelas muitas horas dispensadas para ouvir meus dilemas epistemológicos e emocionais. Tudo isto aqui não seria possível sem você.

E obrigada, feministas, por conquistarem meu direito de estar na Universidade, fazendo ciência e propondo novas formas de ver o mundo. A revolução, afinal de contas, será feminina.

“Feminismo também passa pelo registro do *orgulho de ser
mulher [...]*”
- Marli Gonçalves¹

“[...] não estaríamos condenados a essa atividade aberta, em
uma recorrência infinita, que faz com que *produzindo meu texto
eu fale também do texto de um outro* e que *falando do texto de
um outro eu produza também meu texto?*”
- Patrick Charaudeau²

¹ (GONÇALVES, 2019, p. 29, grifos meus).

² (CHARAUDEAU, 2008b, p. 15, grifos do autor).

RESUMO

Este trabalho se propõe a ser um movimento de diálogo em um cenário cada dia mais monológico. Dessa forma, tem como objetivo fazer dialogar (BAKHTIN apud FARACO, 2009) duas diferentes formas de ver o mundo (a feminista e a antifeminista). Para tanto, utiliza-se como referencial teórico-metodológico a concepção de *ethos* proposta, principalmente, por Maingueneau (1993; 2005; 2018a), mas recuperada por diversos autores, entre os quais Charaudeau (2008a) e Amossy (2018a; 2018b), além dos pressupostos feministas, que visam discutir o problema de gênero para além da linguagem, mas na forma como ele permeia nossa sociedade como um todo. Nessa perspectiva, recorre-se a autoras como Márcia Tiburi (2018), Marli Gonçalves (2019), bem como às concepções de Chimamanda Ngozi Adichie (2015; 2017; 2019). Propõe-se, dessa forma, uma análise dos *ethé* evocados pelo livro *Sejamos todos feministas*, de Chimamanda, e pelo blog *Mulheres contra o feminismo*, de modo a verificar as convergências e divergências entre eles, sua relação com o estereótipo do feminismo e, conseqüentemente, conceber em que medida eles dialogam. Com este percurso, foi possível perceber que há muito mais consonâncias do que dissonâncias entre os discursos analisados, de modo que é possível afirmar que as fiadoras (categoria que compõe a noção de *ethos*) do blog e do livro compartilham visões de mundo muitíssimo semelhantes e que, em diversos momentos, suas ideias e imagens se confundem. Há, no entanto, uma diferença primordial entre os discursos analisados: a posição ideológica com relação ao signo linguístico *feminista*. Enquanto no livro *Sejamos todos feministas* a fiadora apoia-se no estereótipo feminista para remodelar o pensamento a respeito do feminismo como um todo, no blog *Mulheres contra o feminismo* é justamente o oposto que ocorre: a fiadora ancora-se no estereótipo feminista para reafirmá-lo e, dessa forma, propagar seu discurso. Ao fim deste processo, no entanto, foi possível constatar que há um diálogo entre feministas e antifeministas, visto que as visões de mundo e ideais desses dois grupos, embora pareçam opostos à primeira vista, são bastante semelhantes. Além disso, poderia-se dizer que é apenas através do diálogo que se conseguirá reestruturar e repensar as concepções tidas como irredutíveis e finalizadas.

Palavras-chave: Ethos. Análise do discurso. Feminismo. Estereótipo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 DISCURSO E ANÁLISE DO DISCURSO: QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS	10
2.1 O diálogo como forma de (re)pensar o mundo: as concepções linguísticas de Bakhtin	11
2.2 O diálogo entre a construção dos textos/discursos e os espaços sociais que os fazem existir: a Análise do Discurso	14
3 A IMAGEM DE SI NO DISCURSO: O <i>ETHOS</i> COMO REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	16
3.1 Da Retórica à Análise do Discurso: uma visão histórica do <i>ethos</i>	17
3.2 O <i>ethos</i> como imagem de si: a(s) perspectiva(s) de Maingueneau	18
3.3 Para além da imagem de si: novas problemáticas acerca do <i>ethos</i>	21
4 FEMININA E (NÃO) FEMINISTA?: A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO DO FEMINISMO	25
4.1 O feminismo e o (meu) mundo: concepções globais e pessoais acerca do movimento	25
4.2 O estereótipo feminista: o que é e onde encontrar	29
4.3 Chimamanda Ngozi Adichie: uma nem tão nova (mas importante) visão do feminismo	32
5 “SEJAMOS TODOS FEMINISTAS” E “NÃO PRECISAMOS DO FEMINISMO”: DIÁLOGO(S) ENTRE DISCURSOS FEMINISTAS E ANTIFEMINISTAS	37
5.1 Quem somos?: a construção do <i>ethos</i> nos discursos analisados	39
5.2 “A favor da feminilidade” e “Quero ser respeitada pela minha feminilidade”: principais dissonâncias	45
5.3 Orgulhosas e felizes de sermos mulheres: consonâncias e diálogos	49
(IN)CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

Não foram poucos os temas que cogitei antes de iniciar o percurso que, momentaneamente, finalizo. Hoje percebo que nenhum assunto poderia ilustrar melhor meu percurso no curso de Letras do que este. Nenhum tema que eu escolhesse falaria tanto de mim quanto este. E, conseqüentemente, nenhuma teoria se ajustaria melhor a mim do que a que aqui utilizo. Não conseguiria escrever um TCC sem que pudesse, também, falar de mim; sem que pudesse falar das coisas nas quais acredito; sem que pudesse, além disso, pensar sobre o mundo no qual vivo e que, por sua vez, me constitui como o sujeito que sou.

Entendo, também, que não haveria outra forma de escrever este trabalho, senão do modo como o faço, aqui, pois ele é, antes de mais nada, um percurso construído a partir da minha experiência enquanto pessoa, mulher e acadêmica do curso de Letras e, como tal, não poderia deixar de inscrever-me neste texto, já que “[...] deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si” (AMOSSY, 2018a, p. 9).

Com este trabalho, proponho respostas a algumas perguntas que têm me acompanhado no decorrer do curso de Letras e que muito me têm feito refletir. Todas essas perguntas estão relacionadas a minha experiência (como pessoa, claro, mas principalmente como mulher e feminista), aos espaços pelos quais circulo e às visões de mundo que compartilho ou não com outras pessoas. A principal dessas perguntas, e a que me ajuda a nortear os rumos deste trabalho, está vinculada à minha vontade de compreender como pensam as outras pessoas, de entender outros pontos de vista. Tenho me perguntado, ao longo desses poucos anos sendo feminista, o que leva alguém que, aparentemente, luta pela igualdade entre os gêneros, pelo respeito a todos os indivíduos e pela cooperação entre os seres humanos a ser contra um movimento que compartilha dos mesmos ideais?

Para responder a essa pergunta, é preciso pensar sobre várias questões. A primeira delas diz respeito à estereotipagem das feministas. Não é preciso muito esforço para encontrar, na internet, pessoas caracterizando-as: “mal amada”, “feia”, “nojenta”, “sem louça pra lavar”.

Não é à toa, é claro, que muitas mulheres não queiram se identificar com feminismo; não é confortável carregar um rótulo tão pesado como esse, ainda mais quando nem ao menos compreende-se completamente o que é e por que luta o movimento.

Outra questão que precisa ser levada em consideração diz respeito a nós, feministas: vem me parecendo, cada vez mais, nesses últimos tempos, que vêm sendo tão difíceis para aqueles que lutam por um mundo igualitário e mais humano, que nós não temos tido paciência para dialogar. Partindo da concepção de diálogo como “[...] um vasto espaço de luta entre as vozes sociais (uma espécie de guerra dos discursos) [...]” (FARACO, 2009, p. 69), me parece que nossa falta de paciência para dizer aquilo que nos parece óbvio e, também, para escutar aquilo que vem sendo dito, como contraponto aos nossos discursos (ou seja, de dialogar com aqueles que não conhecem e não compactuam com as nossas visões de mundo), tem nos impedido de estabelecer relações com pessoas que não conhecem (e nunca vão conhecer, se nunca ninguém apresentar) o feminismo.

Nessa perspectiva, outra pergunta que me faço é: como nós poderíamos mudar esse panorama? Ou seja, de que forma nós poderíamos dialogar com as pessoas que lutam contra o feminismo (mas compartilham os ideais feministas), a fim entender seus pontos de vista e, além disso, tentar mostrar-lhes que, na verdade, são feministas? Este trabalho tem este objetivo primeiro: fazer dialogar seres do discurso diferentes, a fim de propor uma possível interlocução entre eles, de modo que consigamos perceber se feministas e antifeministas compartilham ideais em comum.

Já que “É a linguagem que permite ao homem pensar e agir. Pois não há ação sem pensamento, nem pensamento sem linguagem” (CHARAUDEAU, 2008b, p. 7), me proponho, aqui, a pensar e agir por meio da linguagem. Não poderia eu, enquanto acadêmica do curso de Letras, deixar de levar em consideração uma área que se propõe a dialogar com as demais ciências sociais, pois esta é, para mim, a beleza da Análise do Discurso: ela nos permite compreender o pensamento humano através da linguagem, levando em consideração, contudo, como o sujeito se constitui não só dentro do discurso, mas também no mundo “real”.

Sendo assim, escolho o *ethos* como referencial teórico-metodológico, pelos mesmos motivos que me fizeram optar pela Análise do Discurso e, também, por ele me permitir analisar o modo como o sujeito discursivo se relaciona com o sujeito social, verificando os diferentes modos de agir e pensar, de acordo com o contexto de enunciação. Além disso, considero

relevante pensar sobre o *ethos*, pois, como nos lembra Eggs (2018, p. 30), “[...] o ethos está – com exceção dos trabalhos de Dominique Maingueneau – praticamente ausente da pesquisa atual em linguística, em pragmática e em teoria da argumentação”.

Também Maingueneau (2018b) expõe a necessidade de mais trabalhos relacionados ao conceito de *ethos* serem vinculados a outros gêneros discursivos, principalmente aqueles veiculados na internet, pois, segundo ele, “Até o momento, o ethos é um termo muito pouco especificado se quisermos apreender eficazmente os enunciados em toda sua diversidade” (MAINGUENEAU, 2018b, p. 322). Nesse sentido, me parece relevante abordar uma temática pouco discutida no panorama atual da Linguística e, mais especificamente, muito raramente desenvolvida nos trabalhos do curso de Letras da Univates.

Além de debater um tema de extrema relevância, não só para os estudos sobre o feminismo, mas também para os estudos linguísticos, pretendo, com o meu trabalho, dialogar de forma direta com aqueles que, ao mesmo tempo, são meu objeto de análise. Quero mostrar, àqueles que não compreendem a dinâmica feminista, a importância do feminismo e, além disso, quero que percebam que, ao lutar por igualdade, lutamos por todos e contra ninguém.

Gostaria, portanto, que este trabalho fosse uma forma de refletir sobre diversas questões: gênero, discurso, filosofia, linguagem e sociedade. E gostaria, acima de tudo, que esta análise proporcionasse uma discussão não só nos meios antifeministas, mas principalmente dentro do movimento feminista, para que possamos (re)pensar nossas abordagens e nosso diálogo.

Aqui, portanto, analiso o *ethos* evocado pelo livro *Sejamos todos feministas*, de Chimamanda Ngozi Adichie, e o *ethos* evocado pelo blog *Mulheres contra o feminismo*, a fim de compreender em que medida eles se aproximam e se distanciam, além de analisar em que medida os estereótipos do feminismo influenciam na construção desses *ethé*.

Assim, me atrevo a propor um diálogo aberto com Chimamanda na escrita deste texto, levando em consideração que as concepções de feminismo, estereótipo e gênero que aqui abordo são, de certa maneira, permeadas pelas ideias dela. Da mesma forma, já que o universo da cultura é um grande e infinito diálogo entre “[...] as várias verdades, os inúmeros discursos, as inúmeras línguas ou vozes sociais [...] com que atribuímos sentido ao mundo” (FARACO, 2009, p. 52), proponho o mesmo tipo de diálogo com Bakhtin, usando sua própria teoria para

validar meu atrevimento, pois são dele as próprias concepções de diálogo e discurso que vão permear toda a minha escrita e que, mais adiante, pretendo aprofundar.

Além disso, acredito fortemente na relevância e na necessidade de falarmos de feminismo na Universidade. E acho ainda mais necessário falar de feminismo para pessoas que 1) não conhecem o feminismo; ou 2) não acreditam no feminismo; ou 3) acham que não precisam do feminismo. Nesse sentido, e já tentando justificar teoricamente o porquê deste trabalho, novamente dialogo com Chimamanda Ngozi Adichie, pois ela é uma das autoras que afirmam a importância que o feminismo tem para ambos os gêneros, como discuto no decorrer deste texto. Assim, penso ser de extrema relevância um trabalho que se proponha a falar de feminismo não somente para as pessoas que querem ouvir, mas principalmente para as pessoas que não o querem.

Pensando, por outro lado, em uma concepção bakhtiniana de linguagem como diálogo (e sendo o ser humano linguagem), nada mais importante do que fazer dialogar fatos e teorias que discursam sobre a vida e a linguagem humana. Ou seja, por que não deveríamos, nós, estudiosos da linguagem, dialogar com outras áreas e, através daquilo que melhor conhecemos, mudar o mundo? Pode ser ambicioso, mas não serve a linguagem para sonhar?

Para tanto, divido este trabalho em mais 5 seções. Na próxima seção, comento algumas questões epistemológicas que orientam-me nesta caminhada. A seguir, na seção 3, apresento alguns conceitos teórico-metodológicos que me auxiliam a explicar-lhes a partir de qual lente e concepções se dará esta análise. Na seção 4, discuto a(s) visão(ões) de feminismo que norteia(m) este trabalho, bem como as relações entre elas e a criação do(s) estereótipo(s) feminista(s). Na seção 5, finalmente, conduzo-lhes pela análise e pelas discussões suscitadas por ela, bem como pelos resultados que vêm, conseqüentemente, vinculados à análise. Por fim, e definitivamente não conclusivamente, apresento as conclusões que puderam ser apreendidas da análise e da relação entre elas e as questões discutidas nas seções anteriores.

2 DISCURSO E ANÁLISE DO DISCURSO: QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS

“Não há uma palavra que seja a primeira ou a última e não há limites para o contexto dialógico (ele se estira para um passado ilimitado e para um futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, isto é, aqueles que nasceram no diálogo dos séculos passados, não podem nunca ser estabilizados (finalizados, encerrados de uma vez por todas) - eles sempre se modificarão (serão renovados) no desenrolar subsequente e futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo, existem quantidades imensas, ilimitadas de sentidos contextuais esquecidos, mas em determinados momentos do desenrolar posterior do diálogo eles são lembrados e receberão vigor numa forma renovada (num contexto novo). Nada está morto de maneira absoluta: todo sentido terá seu *festivo retorno*.”
- Mikhail Bakhtin³

Acredito que, antes de mais nada, devo uma resposta àqueles que, mais de uma vez, me perguntaram: “Por que a Linguística, Magali? Por que não a Literatura?”. Penso que muito dessa pergunta está ligado ao que busco investigar, aqui. Talvez eu tenha construído um *ethos*⁴, no decorrer do curso de Letras, que me associe à Literatura para algumas pessoas. Essas pessoas, creio eu, não estão de todo equivocadas, pois foi justamente a Literatura que me fez ser quem sou hoje, e é por ser quem sou hoje que escolhi a Análise do Discurso para ser meu foco de estudos. Ao falar de mim e do mundo, preciso falar de linguagem e, por isso, busquei encontrar as respostas para as minhas (muitas) perguntas me enveredando por uma área da linguagem que, necessariamente, me leva a mais perguntas do que respostas.

Escolher a Análise do Discurso foi uma forma de compreender de que maneira o mundo se constitui. Foi, também, a maneira que encontrei de falar de coisas que *me* incomodam, por meio da ciência. E, graças a isso, finalizo (ou inicio) este processo com muito mais dúvidas do que nunca. Falar de Análise do Discurso (doravante AD) ainda me parece uma tarefa difícil, pois ela nos permite pensar sobre a linguagem através da nossa própria concepção de mundo e,

³ (apud FARACO, 2009, p. 53, grifos meus).

⁴ Conceito que pretendo desenvolver neste trabalho e o qual explico nas próximas seções, mais especificamente na seção 3.

ao mesmo tempo, nos convida a fazê-lo a partir da perspectiva de outros sujeitos: “Toda teoria, assim como toda fala, define-se em relação a outras teorias, a outras falas” (CHARAUDEAU, 2008b, p. 15). Isso, por sua vez, acarreta em uma tarefa difícil para aqueles que, assim como eu, começam a se aventurar por esses caminhos e a tentar desvendar os mistérios da AD, pois são muitos os autores e, por isso, muitas teorias, já que “[...] há tantos percursos históricos quantos forem os sujeitos que teorizam” (CHARAUDEAU, 2008b, p. 15).

Embora, como muito bem nos lembra Maingueneau (2015), não haja autores ou autoras específicos que possam ser considerados precursores do que hoje chamamos de Análise do Discurso, e nem mesmo possamos traçar uma rota histórica da evolução da AD, para mim, é muito difícil falar de discurso sem citar aquele que inaugurou os estudos do discurso na *minha* vida: Mikhail Bakhtin. Nesse sentido, adiante, apresento uma breve retomada dos conceitos bakhtinianos que norteiam esta investigação. Além disso, em seguida, faço uma recuperação, também breve, do que entendo (ou entendi, até este momento) por Análise do Discurso, qual viés estou adotando, neste texto, bem como apresento alguns conceitos chave que fundamentam o presente trabalho.

2.1 O diálogo como forma de (re)pensar o mundo: as concepções linguísticas de Bakhtin

Quando, há dois anos, tive meu feliz primeiro diálogo com Bakhtin, já sabia que meu trabalho de conclusão de curso seria bakhtiniano. Com efeito, naquele momento, compreendi que eu, como sujeito da linguagem, era bakhtiniana. Epistemologicamente, tudo o que faço e tudo em que acredito, hoje sei, é permeado pelas ideias de Bakhtin. Sendo assim, não teria escolha: este trabalho, mesmo que voltado a uma concepção teórica diferente (a de *ethos*, que explico na seção seguinte), necessariamente, teria de dialogar com Bakhtin.

Não vou me delongar, no entanto; não vou tratar dos muitos conceitos acerca da linguagem propostos pelo Círculo de Bakhtin⁵, nem vou construir um apanhado histórico da teoria bakhtiniana (ou de Medvedev, ou Voloshinov), ou mesmo explicar a diferença entre esses muitos nomes que compõem o Círculo. Vou, apenas, tentar explicar por que considero este trabalho bakhtiniano, em sua essência; e, para fazê-lo, utilizarei como fonte Carlos Alberto

⁵ “Trata-se de um grupo de intelectuais [...] constituído por pessoas de diversas formações, interesses intelectuais e atuações profissionais [...], incluindo, entre vários outros, o filósofo Matvei I. Kagan, o biólogo Ivan I. Kanaev, a pianista Maria V. Yudina, o professor e estudioso de literatura Lev V. Pumpianski e [...] Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Voloshionov e Pavel N. Medvedev” (FARACO, 2009, p. 13).

Faraco, que, no livro *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin* (2009), apresenta uma síntese do conjunto da reflexão bakhtiniana, especificamente no que diz respeito à linguagem.

Assim, esclareço, desde já, que poderão ocorrer alguns *apud* no decorrer deste texto – o que não é realmente relevante, da perspectiva bakhtiniana, já que “[...] são tantas as vozes incorporadas [aos nossos enunciados] que muitas delas são ativas em nós sem que percebamos sua alteridade (na figura bakhtiniana, [nossos enunciados] são palavras que perderam as aspas)” (FARACO, 2009, p. 85). Acho importante elucidar essa questão, pois, como disse, o pensamento bakhtiniano que utilizo aqui advém do livro que citei anteriormente e, por tal motivo, não seria honesto da minha parte não mencionar que, neste trabalho, enxergo as ideias de Bakhtin através dos olhos de Carlos Alberto Faraco.

Nesse sentido, para Bakhtin, travestido nas palavras de Faraco (2009, p. 58), “‘o verdadeiro ambiente de um enunciado’ é o plurilinguismo dialogizado (são as fronteiras) em que as vozes sociais se entrecruzam continuamente de maneira multiforme, processo em que se vão também formando novas vozes sociais”. Poderíamos, então, pressupor que é através do diálogo que novos enunciados surgem, se modificam e se entrecruzam com outros discursos.

Portanto, é difícil, para mim, não relacionar este trabalho ao conceito de *diálogo* ou de *dialogismo*, pois, de acordo com Faraco (2009), é no intermédio das linguagens e de seu dialogismo que se constitui o sujeito. Nesse sentido, poderíamos dizer que os sujeitos se manifestam a partir do, pelo e em função do discurso, dialogando com as diferentes vozes que existem no contexto linguístico e social.

Ainda sobre esse aspecto, Faraco (2009, p. 84) comenta que “[...] o mundo interior é uma arena povoada de vozes sociais em suas múltiplas relações de consonâncias e dissonâncias”, ou seja, o diálogo não é apenas consenso, mas, com efeito, dialogar pressupõe, inclusive, discordar, recusar e questionar o discurso de outrem (FARACO, 2009). Assim, ao me propor, neste texto, a refletir sobre os diálogos (consonantes ou dissonantes) estabelecidos entre diferentes *ethé*, me proponho, também, a pensar sobre a questão dialógica, refletindo, necessariamente, sobre questões fundamentais do pensamento bakhtiniano e de que forma elas se relacionam com o meu *corpus* de pesquisa.

Ao pensar em meu propósito com este trabalho, considero fundamental elucidar que, na concepção bakhtiniana, todo enunciado é *ideológico*: para o Círculo, “[...] não existe

enunciado não ideológico. E ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias (i.e., no interior de uma das áreas da atividade intelectual humana) e expressa sempre uma posição avaliativa [...]” (FARACO, 2009, p. 47). Ou seja, ao analisar, aqui, *ethé* de discursos feministas e antifeministas, estou, também, me colocando discursiva e ideologicamente neste texto: “aceitar incondicionalmente um enunciado (e sua respectiva voz social) é também implicitamente (ou mesmo explicitamente) recusar outros enunciados (outras vozes sociais) que podem se opor dialogicamente a ela” (FARACO, 2009, p. 69).

Entende-se, portanto, que, para Bakhtin, “[...] não há, nem pode haver, enunciados neutros. Todo enunciado emerge sempre e necessariamente num contexto cultural saturado de significados e valores e é sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição neste contexto” (FARACO, 2009, p. 25). Nesse sentido, é fundamental, a meu ver, pensar a questão linguageira, ou enunciativa, sempre vinculada ao contexto social (ou cultural) em que se insere o discurso, já que esse contexto, ao mesmo tempo em que é constituído pelo enunciado, contribui, por sua vez, para construir e modificar o próprio discurso.

Outra concepção relevante que vale ser mencionada, aqui, é a de que, no processo de referenciação, os signos linguísticos não só *refletem*, mas *refratam* o mundo. Nessa perspectiva, os signos não apenas servem para apontar uma realidade externa (refletir) a eles (o que Faraco chama “a materialidade do mundo”), mas, principalmente, são uma forma de construir diversas interpretações a respeito do mundo (FARACO, 2009, p. 50). Para o Círculo, então, “[...] os grupos humanos vão atribuindo valorações diferentes (e até contraditórias) aos entes e eventos [...]. É assim que a práxis dos grupos humanos vai gerando diferentes modos de dar sentido ao mundo (de *refratá-lo*), que vão se materializando e se entrecruzando [...]” (FARACO, 2009, p. 51, grifos do autor).

Poderíamos dizer, então, que ao enunciar estamos, também, construindo nosso mundo; “Em outras palavras, a refração é o modo como se inscrevem nos signos a diversidade e as contradições das experiências históricas dos grupos humanos” (FARACO, 2009, p. 51). Essa noção de refração será importantíssima para elucidar a relação entre os dois discursos que analiso aqui (o feminista e o antifeminista), e a retomarei, mais tarde.

Sendo assim, creio que seja válida a minha interlocução (ou meu diálogo) com Bakhtin, neste trabalho, pois, a partir dela, posso discutir as possibilidades de convergência e divergência entre seres diferentes do discurso e, ao mesmo tempo, entender como se dão as relações construídas entre esses seres e o mundo em que se inserem. Pensando ainda nessas

relações, a seguir, apresento uma breve discussão a respeito da Análise do Discurso, uma disciplina que nasce da conjunção entre várias áreas das ciências humanas. A partir dessa discussão, pretendo esclarecer a concepção de AD adotada neste texto, que, por sua vez, define também o que aqui entende-se por linguagem e discurso.

2.2 O diálogo entre a construção dos textos/discursos e os espaços sociais que os fazem existir: a Análise do Discurso

Assim como ocorre com a própria definição de discurso, determinar o que quer que seja uma disciplina chamada “Análise do Discurso” é uma tarefa complexa, já que, como nos lembra Fernanda Mussalim (2001, p. 101), “[...] toda produção de linguagem pode ser considerada ‘discurso’”. Nesse sentido, torna-se necessário precisar qual concepção de Análise do Discurso estou utilizando neste texto.

De modo a delimitar o máximo possível o “guarda-chuva” sob o qual estou me abrigo (e, desse modo, não me molhar na grande tempestade que irrompe das várias áreas da linguagem), escolho, para este texto, entender Análise do Discurso conforme a define Maingueneau, em seu livro *Discurso e análise do discurso* (2015): “[...] um empreendimento fundamentalmente transdisciplinar, para alguns, pós-disciplinar, que, atravessando o conjunto das ciências humanas e sociais e das humanidades, *vai contra a tendência da divisão do saber em domínios cada vez mais especializados*” (MAINGUENEAU, 2015, p. 9, grifos meus).

Dessa forma, como indicam Charaudeau e Maingueneau, no seu *Dicionário de análise do discurso* (2006), ao ser entendida como uma das disciplinas que se dedicam a estudar o discurso, “[...] a análise do discurso pode se interessar pelos mesmos *corpora* que a sociolinguística, a análise conversacional, etc., mas, considerando-as de *um ponto de vista diferente*” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 44, grifos dos autores). Esse ponto de vista, por sua vez, está relacionado à definição anteriormente apresentada, uma vez que, para além de uma disciplina ligada apenas à Linguística, a AD busca, também, conceitos advindos “[...] das correntes pragmáticas, das teorias da enunciação, da linguística textual [...]” (MAINGUENEAU, 2015, p. 20).

Ainda nesse sentido, e ainda retomando a definição apresentada anteriormente, a ideia de que a AD rompe com a tendência de fragmentar os saberes é o que a aproxima, por sua vez, das correntes pós-estruturalistas (MAINGUENEAU, 2015). Assim, Charaudeau e

Maingueneau (2006, p. 43, grifos dos autores) entendem que o que torna difícil retrair o percurso histórico de criação da Análise do Discurso é o fato de que ela “[...] resulta, ao mesmo tempo, da *convergência* de correntes recentes e da *renovação* da prática de estudos muito antigos de textos (retóricos, filológicos ou hermenêuticos)”.

Por ser um “espaço suplementar” às teorias que têm objetos e métodos já delineados (e, conseqüentemente, um objetivo muito bem delimitado), a Análise do Discurso, segundo Maingueneau (2015, p. 31), se aproxima da filosofia, à medida que a ambas se confere “[...] um potencial crítico considerável [...]”. Isso, conforme Charaudeau e Maingueneau (2006, p. 45), a configura como um espaço “instável”, já que está “[...] situada no cruzamento das ciências humanas [...]”. Por esse motivo, a Análise do Discurso se configura como um espaço em comum onde se fazem investigações muito diversificadas (MAINGUENEAU, 2015).

É essa diversificação das fontes, métodos, *corpora* etc. que faz da AD uma disciplina tão problemática para os “discursivistas”, pois “Eles têm de fazer esforços constantes para não reduzir o discursivo ao linguístico ou, inversamente, para não deixá-lo ser absorvido pelas realidades sociais ou psicológicas” (MAINGUENEAU, 2015, p. 31). Não poderia ser outra, então, a teoria escolhida para desenvolver este trabalho. Não seria meu, se não fosse um trabalho que se propusesse a dialogar com as teorias linguísticas (que tentasse buscar na linguagem, no discurso, os dados a serem analisados) e, ao mesmo tempo, com as teorias sociológicas (que, de alguma forma, tentasse entender a relevância desses dados analisados para a sociedade).

Portanto, para finalizar esta breve, e muito mais introdutória do que conclusiva, discussão acerca da AD, parafraseio, para os leitores, aquilo que Maingueneau (2015) compreende como interesse primeiro da Análise do Discurso: fazer dialogar a construção dos textos (discursos) e os espaços sociais (posicionamentos discursivos) que os fazem existir e existem graças a eles. Não seria, portanto, este texto também uma forma de fazer existir novos posicionamentos discursivos que são levantados, por sua vez, a partir dele?

Para complexificar ainda mais aquilo que não é, de todo, algo simples, na próxima seção, apresento uma noção que, a meu ver, em muito dialoga com os pressupostos bakhtinianos (e que integra a concepção de Análise do Discurso apresentada por Maingueneau): o *ethos*. A partir dela, espero poder propor um olhar diferente (e científico) para as concepções que interligam o mundo e a linguagem.

3 A IMAGEM DE SI NO DISCURSO: O *ETHOS* COMO REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

“[...] o *ethos* é uma noção que, precisamente, é transversal aos vários modos de produção semiótica.”
- Dominique Maingueneau⁶

No decorrer deste processo, várias vezes pensei em como eu poderia, neste texto, explicar o conceito de *ethos*. Sempre me pareceu – e ainda me parece – uma tarefa difícil. Talvez isso se deva ao fato de, como lembra Maingueneau (2008), essa ser uma noção muito “intuitiva”, pois, para o autor, “a idéia de que, ao falar, um locutor ativa em seus destinatários uma certa representação de si mesmo, procurando controlá-la, é particularmente simples, é até trivial” (MAINGUENEAU, 2008, p. 12). Eu, no entanto, não considero essa definição simples, de todo, mas, depois de ler tantas e tantas páginas sobre *ethos*, acho que começo a entender a que Maingueneau se refere.

De fato, tal concepção de *ethos* é a que permeia a maior parte dos estudos que abordam essa temática e, de fato, essa concepção integra, de alguma maneira, todo ato de enunciação (MAINGUENEAU, 2008); é por isso que, de acordo com Maingueneau (2008, p. 12), “O importante, quando somos confrontados com essa noção, é definir por qual disciplina ela é mobilizada, no interior de que rede conceitual e com que olhar”.

Portanto, e como forma de conceituar por qual campo teórico, através de que lente e por quais concepções de linguagem eu pretendo abordar esse conceito, faço, a seguir, uma *breve* recuperação histórica da noção de *ethos*, desde a Retórica até a Análise do Discurso; discuto, também, os conceitos gerais que permeiam essa concepção teórica, propostos, essencialmente, por Dominique Maingueneau, tentando, através deles, mais uma vez, justificar a escolha do conceito de *ethos* para o desenvolvimento desta análise; e, através de uma revisão da literatura,

⁶ (MAINGUENEAU, 2018b, p. 329).

explico por que, para este trabalho, dialogo, também, com as noções de *ethos* propostas por Patrick Charaudeau e por Ruth Amossy e no que elas se diferenciam da de Maingueneau.

3.1 Da Retórica à Análise do Discurso: uma visão histórica do *ethos*

A noção de *ethos* nasceu na Antiguidade, mais especificamente na Retórica, que entendia por *ethé* “[...] as propriedades que os oradores se conferiam implicitamente, através de sua maneira de dizer: não o que diziam a propósito deles mesmos, mas *o que revelavam pelo próprio modo de se expressarem*” (MAINGUENEAU, 1993, p. 45, grifos do autor). Aristóteles, como lembra Charaudeau (2008a), propôs três categorias que visavam explicar a forma como um auditório poderia ser influenciado por um orador: o *ethos*, o *logos* e o *pathos*. Não vou – e nem poderia – me ater a explicar essas duas outras categorias e nem mesmo a concepção aristotélica de *ethos* mais a fundo, pois meu foco, aqui, é chegar à Análise do Discurso e, creio eu, para explicar o *ethos* segundo Aristóteles, eu precisaria de outra monografia.

Retomando a ideia bakhtiniana que inicia a seção anterior, eu diria, então, que foi Maingueneau quem forneceu, ao *ethos*, seu “festivo retorno”, já que foi ele o responsável por resgatar a concepção de *ethos* e mobilizá-la em função da Análise do Discurso. Embora Ducrot, como lembra o próprio Maingueneau (2008), também tenha recuperado essa noção e a integrado a uma concepção discursiva, foi – e continua sendo – Maingueneau a principal referência dos trabalhos relacionados ao conceito de *ethos* na AD, como lembram diversos autores (AMOSSY, 2018a; EGGS, 2018; CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006), além do próprio Maingueneau (2018a, p. 69, grifo do autor): “Há quinze anos venho desenvolvendo uma concepção de *ethos* que se inscreve em um quadro um pouco diferente, o da análise do discurso [...]”.

A ênfase que trago, aqui, para os trabalhos que Dominique Maingueneau realizou em torno da problemática do *ethos* é importante na medida em que, a meu ver, as concepções dele a respeito desse conceito permeiam a maior parte das outras teorias que tratam do tema. Portanto, na próxima subseção, proponho uma discussão dos conceitos vinculados à ideia de *ethos*, propostos por Maingueneau, bem como, adiante, dialogo com as concepções de *ethos* apresentadas por outros autores, tais como Charaudeau (2008a) e Amossy (2018b).

3.2 O *ethos* como imagem de si: a(s) perspectiva(s) de Maingueneau

A noção de *ethos* ainda me parece um tanto quanto abstrata e, de fato, ela o é. Tudo o que diz respeito à linguagem, na verdade, é abstrato. Nada é tangível, tudo é apenas imaginável, relacionável. Ainda assim, tudo na linguagem existe e, de repente, se torna tão perceptível, que passamos a entendê-la como algo palpável. Acredito que o *ethos*, por ser um fenômeno linguageiro, também seja assim. Nós nunca o percebemos, mas ele sempre esteve presente. Ele está presente agora, enquanto eu escrevo desta maneira (consciente ou inconscientemente) porque pretendo atingir um objetivo que, quem sabe, se concretize, pois é “por meio da enunciação [que] revela-se a personalidade do enunciador” (MAINGUENEAU, 2005, p. 97-98).

Escrevo desta forma porque pretendo fazê-los aderir ao meu discurso, à minha enunciação; porque, desta forma, consigo fazer com que se apropriem do *meu ethos*, o que Maingueneau (2008) chama de *incorporação*. É ao incorporarem o *meu ethos*, então, de acordo com Maingueneau, que vocês, automaticamente, aderem ao meu discurso: “Falamos de incorporação para designar a maneira pela qual o coenunciador se relaciona ao *ethos* de um discurso” (MAINGUENEAU, 2018a, p. 72).

Essa incorporação de que falo aqui, segundo Maingueneau (2018b), ao citar outro texto de sua autoria, resulta em um *mundo ético* com o qual o *fiador* (conceito que, mais adiante, explicarei melhor) interage e do qual ele participa. Esse mundo ético, por sua vez, “[...] inclui um certo número de situações estereotipadas associadas a comportamentos verbais e não verbais [...]” (MAINGUENEAU, 2018b, p. 322). Dessa forma, poderia-se dizer, todo discurso carrega consigo um “universo de sentido” (MAINGUENEAU, 2005, p. 99) criado a partir de um *ethos* e pelas ideias que transmite. Retornarei à ideia de mundo ético mais tarde, quando voltarei a falar, também, sobre estereótipo, conceito que fundamenta não só a noção de *ethos* em si, como o meu trabalho num todo.

Antes, no entanto, creio que seja importante elucidar questões intrínsecas ao conceito de *ethos* e das quais ainda não falei, embora as tenha mencionado algumas vezes, bem como definir o que, afinal, entendo por *ethos*. Apresento, então, a seguir, a primeira definição de *ethos* que li, quando comecei este processo:

Mas esse *ethos* não diz respeito apenas, como na retórica antiga, à eloquência judiciária ou aos enunciados orais: é válido para qualquer discurso, mesmo para o escrito. Com efeito, o texto escrito possui, mesmo quando o denega, um *tom* que dá

autoridade ao que é dito. Esse tom permite ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador (e não, evidentemente, do *corpo* do autor efetivo). A leitura faz, então, emergir uma instância subjetiva que desempenha o papel de **fiador** do que é dito (MAINGUENEAU, 2005, p. 98, grifos do autor).

Naquela época, eu não compreendi, de fato, o que estava dito nessa citação. Para mim, ela era um amontoado de palavras incertas cujo sentido estava longe de ser apreendido. Hoje, no entanto, percebo sua *acribia*. Eu não poderia, em um milhão de anos, mesmo depois de ler quase todos os textos escritos em língua portuguesa por ele, conceituar *ethos* melhor do que o faz Maingueneau, nesse excerto. Em outras palavras, no entanto, eu definiria *ethos*, a partir das leituras que fiz, como uma entidade concebida no (e indispensável ao) ato de enunciação e que mobiliza o interlocutor em função do (fá-lo aderir ao) discurso do enunciador.

Tendo em vista essa definição, faz-se necessário pontuar, aqui, que, embora seja através da incorporação que o interlocutor (a quem Maingueneau vai chamar de co-enunciador) adere ao *ethos*, é por meio do fiador que o enunciador busca cativar o interlocutor. Ou seja, como pode-se notar, nada no conceito de *ethos* está desmembrado, tudo está relacionado, articulado.

Mas o que é, afinal de contas, o fiador? E o que é o tom? E como é possível dizer que o texto escrito possui, também, um tom? Com efeito, é nesse ponto que a teoria de Maingueneau se afasta da concepção de *ethos* proposta pela Retórica antiga, vinculada ao discurso oral e, na maior parte das vezes, à ideia de persuasão. Foi Maingueneau o primeiro autor a propor uma concepção de *ethos* vinculada, também, ao texto escrito, pois, para ele, “A retórica tradicional ligou estreitamente o *ethos* à eloquência, à oralidade em situação de fala pública [...], mas cremos que, em vez de reservá-la para a oralidade, solene ou não, é preferível alargar seu alcance, abarcando todo tipo de texto, tanto os orais como os escritos” (MAINGUENEAU, 2008, p. 17).

Sobre tom e fiador, Maingueneau (2008) explicita a ideia de que qualquer texto apresenta um *tom*, uma *vocalidade*, que estão vinculados à caracterização do *corpo* do enunciador, ou seja, a um *fiador*. O fiador, então, seria essa “instância subjetiva”, materializada pela leitura, na qual o interlocutor se apoia a fim de, por sua vez, apropriar-se do discurso (MAINGUENEAU, 2005, p. 98). Esse fiador, além disso, é dotado de um *caráter* e de uma *corporalidade*, que ajudam a compor a cena enunciativa: “O ‘caráter’ corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à ‘corporalidade’, ela é associada a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e de mover-se no espaço social” (MAINGUENEAU,

2018a, p. 72). Esse caráter e essa corporalidade, portanto, são indissociáveis da cena enunciativa; é em sua composição, segundo Maingueneau (2005, p. 98), que todos os discursos se ancoram, pois “[...] a eficácia do *ethos* se deve ao fato de que ele envolve de alguma forma a enunciação, sem estar explícito no enunciado”.

Sendo assim, poderia-se dizer, ainda, que o caráter e a corporalidade do fiador “[...] apoiam-se, então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apoia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar” (MAINGUENEAU, 2018a, p. 72). Retomo, aqui, a ideia de *mundo ético*, a fim de relacioná-la, novamente, à noção de *estereótipo*; ao dizer que “Esse ‘mundo ético’ ativado pela leitura subsume um certo número de situações estereotípicas associadas a comportamentos” (MAINGUENEAU, 2008, p. 18), o autor finalmente, para mim, “costura” a sua teoria. É a partir de todas essas concepções, a meu ver, que Dominique Maingueneau concebe sua noção de *ethos*:

o destinatário constrói a figura de um *fiador* dotado de propriedades físicas (*corporalidade*) e psicológicas (*caráter*), apoiando-se sobre um conjunto difuso de representações sociais avaliadas positiva ou negativamente, de estereótipos que a enunciação contribui a fortalecer ou a transformar. Uma grande parte do poder de persuasão de um discurso se mantém no fato que ele leva o destinatário a se identificar ao movimento de um corpo, seja ele muito esquematizado, investido de valores historicamente especificados. As ‘ideias’ suscitam a adesão do leitor através de uma *maneira de dizer* que é também uma *maneira de ser*. Essa concepção de *ethos* é colocada em evidência através do conceito de *incorporação* [...] (MAINGUENEAU, 2018b, p. 322, grifos do autor).

Antes que me peçam para explicar-lhes *ethos* com as minhas próprias palavras, alerto-lhes, desde já, que nada do que eu possa falar sobre *ethos* vai ser exclusivamente meu, tudo vai sempre permear as concepções de Maingueneau, pois, como lembra-nos Bakhtin, “nossos enunciados emergem [...] da multidão das vozes interiorizadas. [...] Desse ponto de vista, nossos enunciados são sempre discurso citado [...]” (FARACO, 2009, p. 85). Assim, me atenho a contar-lhes o que apreendi da ideia de *ethos* que propôs Maingueneau e espero que, a partir dela, seja possível compreender por que ela me parece, hoje, essencial ao pensamento que desenvolvo neste trabalho.

O *ethos*, então, nada mais é do que a instância que existe no e em função do ato de enunciação. Ele se materializa na imagem de um *fiador*, dotado de um *caráter* e de uma *corporalidade* que, por sua vez, se ancoram em estereótipos e em representações sociais. A partir da imagem desse fiador – que não equivale necessariamente à imagem daquele que está por detrás do corpo do enunciador –, constrói-se um *mundo ético* do qual participam enunciador

e coenunciador e que ajuda a compor a cena enunciativa. Se enunciador e coenunciador não aderirem a esse mundo ético, ou se não for possível, para o coenunciador, recuperar a imagem do fiador (dar-lhe caráter e corpo), ou mesmo se as concepções de estereótipos e as representações sociais forem divergentes para ambos os seres da enunciação, não acontecerá a *incorporação*, e, então, o *ethos* não terá sido eficaz.

A fim de exemplificar o conceito de *ethos*, retornarei ao que disse antes: o modo como escrevo (meu tom) evoca para vocês, leitores, uma imagem de mim (que pode ou não corresponder à minha imagem, de fato) e que (espero) fá-los aderir ao meu discurso. Ao escrever, aqui, invoco (deliberadamente ou não), portanto, um fiador (e, por conseguinte, um *ethos*) que visa a um propósito; é a sua percepção, como meus interlocutores, no entanto, que vai determinar a eficácia desse *ethos*, ou seja, meu discurso somente será bem sucedido se vocês conseguirem identificar o *ethos* que invoco aqui e incorporá-lo (recuperando esse corpo que se materializa, portanto, por meio do meu discurso; compartilhando, comigo, os mesmos estereótipos e representações sociais; e participando, então, da cena de enunciação). “Paradoxo constitutivo: é por seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer” (MAINGUENEAU, 2018a, p. 73).

3.3 Para além da imagem de si: novas problemáticas acerca do *ethos*

Vale lembrar, como já mencionado anteriormente, que a eficácia do *ethos* se dá, também, pelo fato de ele, mesmo existindo, não estar explícito no enunciado. Nesse sentido, Maingueneau propõe duas diferentes dicotomias: *ethos dito* x *ethos mostrado*; *ethos discursivo* x *ethos pré-discursivo*. Nesse sentido, *ethos dito* seria “o que o locutor diz sobre si mesmo” e *ethos mostrado*, “o que mostra sua maneira de enunciar” (MAINGUENEAU, 2018b, p. 323).

A discussão entre *ethos discursivo* e *ethos pré-discursivo* é um pouco mais complexa, no entanto: o *ethos discursivo* seria aquele que acontece no discurso, na enunciação; enquanto o *ethos pré-discursivo* se alicerça nos estereótipos e nas informações prévias que o interlocutor tem do enunciador (MAINGUENEAU, 2008); ele corresponde ao que Ruth Amossy (2018b) e Galit Haddad (2018) chamam de *ethos prévio*. De acordo com Amossy (2018b), essa ideia de *ethos* se ancora amplamente no conceito de estereótipo, já que, “de fato, a ideia prévia que se faz do locutor e a imagem de si que ele constrói em seu discurso não podem ser totalmente singulares. [...] É preciso que sejam relacionadas a modelos culturais pregnantes, mesmo se se tratar de modelos contestatórios” (AMOSSY, 2018b, p. 125).

Outra perspectiva relevante para esse conceito é proposta por Patrick Charaudeau (2008a), em um livro em que conceitua *ethos* vinculado ao discurso político. Nessa ocasião, além de uma recuperação histórica da problemática do *ethos*, o autor evidencia um “antagonismo” existente entre as diferentes teorias que defendem, de um lado, o *ethos prévio* (ou pré-discursivo) e, de outro, o *ethos discursivo*. Nesse sentido, Charaudeau (2008a, p. 115) problematiza a questão do sujeito da linguagem: “ele é somente um ser feito de discurso, somente um ser social empírico, ou ambos? E, nesse caso, um teria precedência sobre o outro?”.

Tanto Charaudeau quanto Maingueneau respondem a essa questão. Para Maingueneau (2008, p. 15), que geralmente se deteve à análise do *ethos discursivo*, “o *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não se pode ignorar que o público constrói também representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale”. Para Charaudeau (2008a, p. 115), do mesmo modo, é preciso considerar os dois aspectos, já que “o sujeito aparece, portanto, ao olhar do outro, com uma identidade psicológica e social que lhe é atribuída, e, ao mesmo tempo, mostra-se mediante a identidade discursiva que ele constrói para si”.

Ainda nessa perspectiva, acho importante salientar que, em alguns textos mais recentes publicados por Maingueneau, ele parece fundir a ideia de *ethos discursivo* com a de *ethos mostrado*: “Enquanto o *ethos* discursivo é parte integrante de toda enunciação, o *ethos* dito não é obrigatório” (MAINGUENEAU, 2018b, p. 323); “O *ethos* de um discurso resulta da interação de diversos fatores: *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo (*ethos mostrado*), mas também os fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação (*ethos dito*)” (MAINGUENEAU, 2018b, p. 322, grifos do autor).

Nesse mesmo texto, Maingueneau promove uma problemática nova com relação ao *ethos*, já que, segundo ele, “esse conceito de *ethos* [o que ele mesmo idealizou] não permite a análise com a mesma eficácia para todos os tipos de textos” (MAINGUENEAU, 2018b, p. 322). Assim, Maingueneau (2018b, p. 322) propõe “[...] atribuir ao *ethos* três diferentes dimensões (categorial, experiencial e ideológica) que são mais ou menos marcantes segundo os textos que são considerados”.

A dimensão categorial é a mais diversa das três; ela pode tratar de posições discursivas ou extradiscursivas: “Os papéis discursivos são aqueles ligados à atividade de palavra: animador, contador, pregador... Os status extradiscursivos podem ser de natureza muito variada: pai de família, funcionário, médico, camponês, americano, solteiro etc.” (MAINGUENEAU, 2018b, p. 322). A dimensão experiencial, por outro lado, diz respeito às características sócio-

psicológicas que correspondem aos estereótipos (como visto nas noções de incorporação e mundo ético): “bom senso e lentidão de camponês, dinâmica do jovem empreendedor...;” (MAINGUENEAU, 2018b, p. 322). E a dimensão ideológica, finalmente, recobre os posicionamentos dentro de determinado campo discursivo, como “feminista, de esquerda, conservador [...]” (MAINGUENEAU, 2018b, p. 322), dentro do campo político, por exemplo; ou romântico, moderno, neorrealista, dentro do campo literário; etc.

Adotando-se essa perspectiva, segundo o autor, é possível expandir a análise a gêneros textuais/discursivos que, atualmente, não são privilegiados pela AD, pois, de acordo com Maingueneau (2018b, p. 322), nas pesquisas que fazem uso do conceito de *ethos*, “o conteúdo que é dado ao *ethos* depende consideravelmente dos tipos ou gêneros de discurso que se estuda de maneira privilegiada; examina-se raramente o discurso em toda sua diversidade”.

Trago essa concepção, aqui, porque ela me parece relevante para compreender as formas como se organizam os discursos que analiso, neste trabalho. Por serem publicados em plataformas diferentes, fazerem parte de gêneros discursivos diferentes e, conseqüentemente, atenderem a propósitos comunicativos diferentes, me parece que essa concepção (de dimensões atribuídas ao *ethos*) seja adequada para analisar textos tão diversos entre si.

Outra ideia que me pareceu instigante, no decorrer dos estudos que fiz, e que não aparece nas obras de Maingueneau a que tive acesso, foi a de *ethos singular* e *ethos coletivo*, proposta por Patrick Charaudeau (2008a). Para ele, então, “na medida em que o *ethos* está relacionado à percepção das representações sociais [...], ele pode dizer respeito tanto a indivíduos quanto a grupos” (CHARAUDEAU, 2008a, p. 117). O autor entende que fazer parte de um grupo é compartilhar visões de mundo e características similares, o que leva à definição, pouco refinada, de que determinado grupo representa “[...] uma entidade homogênea” (CHARAUDEAU, 2008a, p. 117); isso, segundo Charaudeau (2008a, p. 117), “engendra estereótipos”.

Assim, de acordo com Charaudeau (2008a, p. 117, grifos do autor), “o *ethos* coletivo corresponde a uma visão global, mas à diferença do *ethos* singular, ele é construído apenas pela atribuição apriorística de uma identidade que emana de uma opinião coletiva em relação a um outro grupo”. Dessa maneira, Charaudeau dialoga com as concepções de Ruth Amossy, que entende estereótipo como parte constitutiva do *ethos* (AMOSSY, 2018b). Para a autora, “a ideia prévia que se faz do locutor e a imagem de si que ele constrói em seu discurso não podem ser totalmente singulares. [...] Para parecerem legítimas, é preciso que sejam assumidas em uma

doxa [...]” (AMOSSY, 2018b, p. 125); ou seja, para que o *ethos* seja incorporado pelo interlocutor, é preciso que ele situe o enunciador em um tempo e espaço que, necessariamente, pressupõem representações sociais específicas. Os estereótipos, então, para Charaudeau são “formas fragmentadas e, ao mesmo tempo, solidificadas, de imaginários sociais” (CHARAUDEAU, 2008a, p. 117).

Nesse sentido, Charaudeau (2008a) dialoga, dessa vez, com a teoria de Maingueneau e complementa-a, ao dizer que, quando Maingueneau define “fiador” como uma “imagem” do *ethos*, formada por um caráter e uma corporalidade subjetiva, “[...] é ainda de representação social que se trata, uma vez que a visão que uma sociedade tem do corpo depende dos imaginários coletivos que ela constrói para si” (CHARAUDEAU, 2008a, p. 117).

Ao propor isso, a meu ver, Charaudeau reforça a ideia (proposta por Maingueneau) de que a noção de *ethos* é constitutiva de toda cena enunciativa, já que, para ele, “[...] todo discurso é um testemunho das especificidades culturais de cada país” (CHARAUDEAU, 2008b, p. 7) e, sendo o *ethos* parte primordial do discurso, não poderia ele, então, deixar de estar vinculado a essas especificidades.

Essa perspectiva se faz, portanto, fundamental para a análise que desenvolvo aqui. Ao analisar *ethé* de discursos feministas e antifeministas, preciso levar em consideração o que as pessoas entendem por feminismo, ou seja, quais estereótipos a respeito do feminismo circulam na nossa sociedade. Para isso, na próxima seção, apresento uma breve revisão bibliográfica do conceito de feminismo adotado neste texto, bem como das concepções sociais acerca desse conceito, além de relacionar essa revisão às ideias de Chimamanda Ngozi Adichie sobre o feminismo.

4 FEMININA E (NÃO) FEMINISTA?: A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO DO FEMINISMO

“Tenho a impressão de que a palavra ‘feminista’, como a própria ideia de feminismo, também é limitada por estereótipos”
- Chimamanda Ngozi Adichie⁷

4.1 O feminismo e o (meu) mundo: concepções globais e pessoais acerca do movimento

Como falar de feminismo neste texto sem falar daquelas que foram as grandes referências feministas da minha vida? Se lermos a vida na perspectiva bakhtiniana e entendermos que todos os nossos discursos são influenciados pelos discursos de outrem, como poderia eu ser de outra forma, tendo em vista as pessoas que me inspiraram a ser quem eu sou? E como eu poderia construir este caminho sem mencionar os discursos que se radicaram, por sua vez, aos meus próprios discursos?

Acho importante salientar que as minhas concepções de feminismo são baseadas, principalmente, em discursos que ouvi, textos que li e diálogos que mantive – com feministas, apoiadores do feminismo e não-feministas. De todos esses diálogos, o que mais corroborou a ideia de feminismo que eu já tinha internalizada foi a leitura do livro *Sejamos todos feministas*, de Chimamanda Ngozi Adichie. É por isso – e também porque esse livro faz parte da minha análise – que as concepções de feminismo e, principalmente, de *feminista* que permeiam este texto são profundamente inspiradas pela voz – e pelo tom – de Chimamanda. Falarei dela, especificamente, mais adiante e, ao mesmo tempo, falarei dela no decorrer de todo o texto.

Até o final do Ensino Médio, eu não havia sequer ouvido falar de feminismo; nem bem, nem mal. O conceito, até então, era desconhecido para mim. Minha introdução ao

⁷ (ADICHIE, 2015, p. 8).

feminismo veio personificada na imagem da atriz Emma Watson, no lançamento da campanha *HeForShe*⁸, da ONU Mulheres. De fato, eu era (assim como grande parte dos adolescentes da minha época) fã de Harry Potter e não foi preciso muito além disso para eu começar a assistir ao discurso dela. Foi preciso muito menos, inclusive, para eu compreender do que ela falava e, menos ainda, para eu pensar: *bom, eu devo ser feminista!*

Foi no primeiro ano da faculdade, no entanto, que a confirmação veio: *é isto! Eu sou mesmo feminista*. Foi uma constatação breve e direta. Sem “mas”, sem receios, sem crises de identidade. Tudo aconteceu em uma sucessão de fatos muito linear: 1) compreendi o que era o feminismo; 2) percebi que eu acreditava nas mesmas coisas; e 3) entendi que eu era feminista. Desde então, eu sempre me perguntei por que algumas pessoas têm tantos problemas com a palavra feminista; por que se dizer “humanista”? O que tem de errado, afinal, em ser feminista?

Não é tão difícil pensar em respostas para essa(s) pergunta(s), as possibilidades são inúmeras. Mas eu queria ir além de uma simples resposta, eu queria entender o fenômeno, eu queria estudá-lo. E foi então que eu percebi que a pergunta não poderia ser “por que é tão difícil para algumas pessoas apropriarem-se do título de feminista?”, deveria ser “por que foi tão simples para mim e é tão difícil para as outras pessoas?”. A minha resposta para isso é, na verdade, uma resposta prévia a uma das questões que norteiam este trabalho: foi mais fácil para mim porque a ideia de feminista que eu tinha era diferente da ideia de feminista que muitas outras pessoas têm.

A minha *imagem* de feminista era a Emma Watson. Bonita, inteligente, sensível, bem humorada, embaixadora da ONU... Eu queria ser como ela quando crescesse. E quem no mundo me diria que isso é errado? Provavelmente ninguém. Agora, eu lhes convido a pensar: qual a imagem de feminista que vocês têm/tinham? Percebam que essa imagem está diretamente relacionada a como vocês veem/viam o movimento feminista como um todo, bem como constrói a sua ideia do que é ser feminista. Além disso, é muito provável que essa imagem lhes tenha sido inculcada, a partir da imagem de feminismo que circula no seu círculo social, já que, como pontua Charaudeau (2008a, p. 117), “[...] a questão da identidade do sujeito passa por representações sociais”, uma vez que “o sujeito falante não tem outra realidade além da permitida pelas representações que circulam em dado grupo social [...]” (CHARAUDEAU,

⁸ “Criado pela ONU Mulheres, a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres, o movimento ElesPorElas (HeForShe) é um esforço global para envolver homens e meninos na remoção das barreiras sociais e culturais que impedem as mulheres de atingir seu potencial, e ajudar homens e mulheres a modelarem juntos uma nova sociedade” (ONU MULHERES, [2014], texto digital).

2008a, p. 117). Ou seja, nos constituímos enquanto sujeitos a partir das representações sociais que circulam na nossa comunidade. Nesse sentido, poderíamos nos questionar: será que a *nossa* (leia-se *de cada um de nós*) ideia de feminismo reflete, de fato, o que é o feminismo?

Precisar o que seja o feminismo é uma questão complexa, cuja tentativa de resposta pode nos levar a variados campos teóricos. De acordo com Alves e Pitanguy (1985, p. 7), o que nos dificulta a resposta é o fato de que “[...] este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano, e que não tem um ponto predeterminado de chegada”. São várias as lentes através das quais é possível enxergar o feminismo e isso, por sua vez, abre espaço para que diversas histórias sejam criadas para as feministas.

Mas, você deve estar se perguntando, como eu posso escolher apenas uma concepção de feminismo e não dar conta de falar de todas as outras, que são igualmente relevantes e pertinentes? Primeiramente, porque esse não é o objetivo deste texto. Não tenciono fazer um apanhado histórico do movimento feminista, nem me proponho a estudar de que forma as diferentes ondas do feminismo se criaram e se modificaram⁹. O que pretendo, com este texto, é compreender de que forma foi criado o estereótipo do feminismo e como isso influencia na construção da identidade das feministas. Para fazê-lo, no entanto, é preciso que fique clara a concepção de feminismo que está sendo levada em consideração, aqui, pois, do contrário, não fará sentido o meu texto, e os mais diversos argumentos contra ele poderão ser levantados.

Mas, afinal de contas, qual é a concepção de feminismo deste texto? Várias autoras e autores já escreveram sobre o feminismo e de diferentes perspectivas. A perspectiva que utilizo, neste texto, está amplamente vinculada à proposta por Chimamanda Ngozi Adichie e, ao mesmo tempo (e eu diria, *consequentemente*), àquela primeira concepção de feminismo que eu ouvi, anos atrás, no discurso de Emma Watson (2014, texto digital):

[...] the more I have spoken about feminism the more I have realized that fighting for women’s rights has too often become synonymous with man-hating. [...] feminism by definition is: ‘The belief that men and women should have equal rights and opportunities. It is the theory of the political, economic and social equality of the sexes’¹⁰.

⁹ Muitos livros (como *O que é o feminismo* e *O livro do feminismo*) apresentam informações históricas e teóricas, além de práticas e didáticas acerca do movimento feminista e são ótimas ferramentas para aprender mais sobre esse movimento que causa tanta confusão nos dias atuais. Além disso, existem diversos *sites*, como o *QG Feminista* (<https://medium.com/qg-feminista>), que contam com vários textos e várias perspectivas acerca do feminismo e que podem nos ajudar a estudar e nos manter informadas(os) sobre o movimento.

¹⁰ “Quanto mais eu falo sobre feminismo, mais eu percebo que lutar pelos direitos das mulheres tem se tornado, frequentemente, sinônimo de ódio aos homens. [...] Feminismo, por definição, é ‘a crença de que homens e

Para Emma Watson, assim como para Chimamanda, todos – mulheres e homens – deveriam lutar pela igualdade entre os gêneros, e não só as mulheres. Todos – homens e mulheres – deveriam ser aliados na luta e, por conseguinte, todos poderiam ser feministas: “If you believe in equality, you might be one of those inadvertent feminists I spoke of earlier”¹¹ (WATSON, 2014, texto digital). É essa a concepção de feminismo que está sendo levada em consideração, aqui: “A meu ver, feminista é o homem ou a mulher que diz ‘sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar’. Todos nós, mulheres e homens, temos que melhorar” (ADICHIE, 2015, p. 50).

Márcia Tiburi, em seu livro *Feminismo em comum: para todas, todes e todos* (2018), é uma das autoras que defendem uma concepção de feminismo bastante parecida com a defendida por Chimamanda e Emma, ao entender o feminismo como uma luta pelo direito de todas, todes e todos:

Todas porque quem leva essa luta adiante são as mulheres. *Todes* porque o feminismo liberou as pessoas de se identificarem somente como mulheres ou homens [...]. *Todos* porque luta por certa ideia de humanidade [...] e, por isso mesmo, considera que aquelas pessoas definidas como homens também devem ser incluídas em um processo realmente democrático [...] (TIBURI, 2018, p. 11-12, grifos da autora).

Dito de uma forma mais teórica, e utilizando conceitos da teoria feminista, a autora define feminismo como “[...] o desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado” (TIBURI, 2018, p. 12). Sendo “democracia radical” e “patriarcado” palavras que podem gerar espanto e descrédito em alguns leitores, me proponho a parafrasear a citação de Tiburi: feminismo é a luta por uma sociedade que conceda a todos os seres humanos os mesmos direitos que foram por tanto tempo concedidos apenas àqueles que ocupavam a condição de “patriarca” – excluindo-se, aqui, como muito bem lembra Tiburi (2018, p. 12), “[...] todos os seres cujos corpos são medidos por seu valor de uso [...]”.

Outra autora que propõe uma concepção de feminismo que vem ao encontro da proposta por Chimamanda Adichie, Emma Watson e Marcia Tiburi é Marli Gonçalves, que define feminismo, em seu livro *Feminismo no cotidiano: bom para mulheres. E para homens também*, como “[...] conhecimento e, acima de tudo, uma prática diária, constante, que precisa

mulheres deveriam ter direitos e oportunidades iguais. É a teoria da igualdade política, econômica e social entre os sexos” (tradução minha).

¹¹ “Se você acredita em igualdade, você deve ser um desses feministas desavisados de quem eu falei antes” (tradução minha).

ser exercida de forma saudável e tranquila tanto por homens quanto por mulheres. [...] Defende as mulheres, sim. Mas, na verdade, defende a todos [...]” (GONÇALVES, 2019, p. 13). Mais adiante, no mesmo livro, Gonçalves (2019, p. 13) vai afirmar que tanto homens quanto mulheres “[...] podem e deveriam se declarar feministas”.

Essa, por sua vez, é uma perspectiva polêmica dentro do movimento feminista. É muito comum nos depararmos com feministas defendendo que apenas mulheres têm o direito de reivindicar o título de feminista e que homens deveriam ser considerados (e se considerar) apenas apoiadores – que essa seria uma palavra nossa, feminina. Isso é fruto, como esclarece Marli Gonçalves, do fato de que “Dentro da mesma manifestação do movimento feminista, como em tudo, são abrigadas diversas vertentes, algumas mais radicais, outras mais contemporizadas, flexíveis” (GONÇALVES, 2019, p. 21).

Eu gosto de pensar como as autoras de quem falei antes, e como outras pessoas, e entender o feminismo como um espaço aberto. Um espaço para compreender as relações cristalizadas entre os gêneros e modificá-las. Um espaço para dialogar, perceber os privilégios e tentar minimizá-los. Um espaço para compreender de que forma se estabelecem as relações de poder e como elas interferem não só na vida das mulheres, mas também na vida dos homens. E, sobretudo, um espaço igualitário, em que homens e mulheres (e pessoas que não se identificam nem como homens, nem como mulheres) possam construir uma sociedade justa “[...] com oportunidades iguais, em que homens e mulheres não só convivam pacificamente, como também edifiquem juntos os alicerces fundamentais para o futuro” (GONÇALVES, 2019, p. 9).

4.2 O estereótipo feminista: o que é e onde encontrar

Voltemos, agora, à pergunta anterior: por que foi tão simples para mim apropriar-me do título de feminista e é tão difícil para as outras pessoas? A resposta que dei a essa pergunta foi: porque a imagem de feminista (e, conseqüentemente, de feminismo) que eu tinha era diferente da que muitas outras pessoas têm. Mas que imagem é essa? O que ela significa? E como ela se constrói? A resposta para todas essas perguntas passa pelo mesmo conceito: o estereótipo.

Trago, aqui, três diferentes perspectivas de estereótipo com as quais gostaria de dialogar. Primeira: Estereótipo (2015), substantivo masculino, “Imagem, ideia que categoriza

alguém ou algo com base apenas em falsas generalizações, expectativas e hábitos de julgamento”¹². Será a ideia de feminismo que predomina, hoje, na sociedade brasileira uma generalização? Uma categorização feita a partir de especulações sobre as feministas?

Segunda: “Os estereótipos são generalizações simplistas sobre um grupo de indivíduos que levam as pessoas a percebê-lo e tratá-lo de acordo com preconceitos injustificáveis” (SORJ, 2005, p. 1). Nesse caso, seria o estereótipo feminista baseado em que preconceitos? E vindos de onde?

Terceira: “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (ADICHIE, 2019, p. 22). Poderíamos substituir “povo” por “grupo” e o sentido ainda seria o mesmo; a relação ainda seria a mesma. Poderíamos dizer, então, que a visão que temos do feminismo foi construída e nos mostrada como *única*? Por quê? E, mais importante, por quem?

Para responder a essas perguntas, é preciso entender, antes de tudo, qual é a ideia de feminista estereotipada da qual estamos falando. Mas, para discutir mais a fundo a ideia de estereótipo feminista, gostaria de retomar, primeiro, a concepção de *ethos coletivo*, proposta por Charaudeau (2008a) e que também está relacionada à de estereótipo. Essa concepção, como visto na seção 3, diz respeito às representações sociais atribuídas a pessoas que, por compartilhar ideais, princípios e visões de mundo similares, se filiam a um grupo, que, quando visto de fora, parece representar uma “entidade homogênea” (CHARAUDEAU, 2008a, p. 117). Para o autor, a noção de *ethos coletivo* se vincula à de estereótipo na medida em que tais representações sociais reduzem os indivíduos a um olhar exterior (CHARAUDEAU, 2008a). É exatamente nesse sentido que a concepção de *ethos coletivo* se aplica ao feminismo: o *ethos coletivo* criado para o movimento é frequentemente representado por meio de estereótipos – que, para Charaudeau (2008a, p. 117), como já dito anteriormente, são “formas fragmentadas e, ao mesmo tempo, solidificadas, de imaginários sociais”.

Precisamos, agora, responder a algumas perguntas: quais são e como foram criados os estereótipos atribuídos às feministas? E por quem? A partir de quais pressupostos foram construídas as imagens de feminismo que nos acompanham diariamente? Para respondê-las, pretendo não encerrar o diálogo, muito pelo contrário. Pretendo ampliá-lo, pois ele não é, de

¹² Escolhi, aqui, utilizar uma definição de um dicionário de consulta online, pois é nesses espaços que se reproduzem ideias do senso comum. Portanto, busco dialogar com a ideia “geral”, “comum” de estereótipo; aquela a que todos têm acesso, se procurarem na internet.

todo, um assunto para ser debatido em uma só voz, já que, como nos lembra Sorj (2005, p. 1), “É muito difícil saber como os estereótipos emergem na sociedade, embora seja muito fácil perceber os efeitos, muitas vezes, devastadores que eles provocam”. Vamos, então, tentar responder a tais perguntas.

Em seu texto *Feminismo e ‘Discurso’ do Gênero na Psicologia Social*, publicado em 2001, Conceição Nogueira faz menção a essa ideia: “[...] ser feminista, implica, no discurso tradicional, ser uma mulher mal-amada, desinteressante do ponto de vista sexual, com problemas de relacionamento interpessoal ou lésbica [...]” (NOGUEIRA, 2001, p. 9). Bila Sorj, no texto *O estigma das feministas* (texto de que foi retirada a segunda concepção de estereótipo apresentada anteriormente), publicado originalmente no jornal O Globo, em maio de 2005, também nos conta sobre a imagem das feministas no Brasil da época: “quantas vezes ouvimos que as feministas são mulheres mal-amadas, histéricas, frustradas, raivosas, mal-humoradas” (SORJ, 2005, p. 1).

Em *Da feminista “macha” aos homens sensíveis: o feminismo no Brasil e as (des)construções das identidades sexuais*, sete anos depois, Melina Marson escreve sobre o mesmo estereótipo: “Daí a visão, até hoje bastante difundida, da feminista como ‘mulher feia e mal amada’ que por isso mesmo se mete em assuntos masculinos” (MARSON, 2012, p. 74). Chimamanda Ngozi Adichie, na palestra *Sejamos todos feministas*, para o TEDxEuston, também em 2012¹³, comenta e critica esses mesmos estereótipos: “a feminista odeia os homens, odeia sutiã, odeia a cultura africana, acha que as mulheres devem mandar nos homens; ela não se pinta, não se depila, está sempre zangada, não tem senso de humor, não usa desodorante” (ADICHIE, 2015, p. 14-15). Mais recentemente, diversas autoras e autores continuam comentando esses mesmos estereótipos a respeito das feministas, que se perpetuaram e, ainda hoje, continuam sendo reproduzidos, principalmente através da internet e das demais mídias sociais. Não é preciso muito esforço para encontrar, na *web*, diversas referências a esses estereótipos, em comentários em redes sociais ou, até mesmo, em publicações em sites e blogs, pessoais ou não.

Mas como nasceu esse estereótipo? De onde ele vem? Marson (2012) associa a construção dele à desestabilização das fronteiras simbólicas existentes entre os sexos. Segundo a autora, quando a oposição feminino x masculino começou a ser questionada e mais mulheres exigiram seu direito de escolher ou não parecerem femininas e de lutar contra o estereótipo de

¹³ Mas que, em 2015, foi transformada em livro, pela editora Companhia das Letras.

fragilidade, as feministas foram continuamente vinculadas à imagem de “não-femininas”, “não-mulheres” (MARSON, 2012, p. 74).

Gonçalves (2019) associa essa imagem dada às feministas, que leva a controvérsias e desentendimentos, à grande incompreensão em relação ao movimento. Segundo ela, é importante que todos conheçam e entendam pelo que luta o feminismo: “É preciso que [o feminismo] se abra, com cada vez mais urgência, à compreensão de mais pessoas, outros públicos, classes sociais, que se apresente claramente e de forma pacífica o grande desafio” (GONÇALVES, 2019, p. 35). Assim, podemos entender que o estereótipo de feminista como contraponto à feminilidade nasce de uma construção histórica, uma tentativa das mulheres (feministas) de esquivarem-se da ideia de fragilidade, o que, por sua vez, provoca uma incompreensão. Uma coisa é fruto da outra.

A meu ver, essa breve retomada histórica e a compreensão do que é e do que significa o estereótipo que tem sido continuamente atribuído às feministas nos ajuda a entender por que, afinal, foi tão fácil para mim e é tão difícil para outras pessoas se entenderem (e se aceitarem) como feministas. Eu, assim como algumas mulheres feministas que conheço, não fui incessantemente exposta à ideia de feminismo como algo negativo, errado, um movimento que não deveria ser seguido. Muito pelo contrário, eu tive a liberdade de conhecer e de aprender sobre o feminismo sem preconceitos e ideias pré-estabelecidas sobre ele. Isso, infelizmente, é negado a muitas mulheres e homens.

No entanto, eu também conheço várias mulheres e homens que mesmo tendo essas visões incutidas se descobriram e se intitulam feministas. O que os diferencia das pessoas que odeiam e não veem razão de ser para o feminismo? Eu diria que o mesmo que faz as outras pessoas se entenderem (e o que fez com que eu me entendesse) como feministas: conhecer o movimento, entender por que ele luta e se identificar com essa luta. Para isso, como indica Tiburi (2018), é preciso que aprofundemos nossa compreensão acerca do feminismo, “do seu sentido e da sua presença na sociedade em que vivemos” (TIBURI, 2018, p. 8).

4.3 Chimamanda Ngozi Adichie: uma nem tão nova (mas importante) visão do feminismo

No decorrer deste texto, muitas vezes já mencionei e citei a autora que direciona os pressupostos feministas deste trabalho e cujo discurso se faz, também, objeto desta análise. Mas quem é, afinal de contas, Chimamanda Ngozi Adichie? Não creio que uma biografia seja necessária, já que a própria autora disponibiliza um *site*¹⁴ em que informações sobre sua vida e sua obra podem ser encontradas, e também porque através de seus livros a autora se inscreve, se desenha, se deixa conhecer (o que, como já vimos, e mais adiante entenderemos melhor, faz parte do seu *ethos*), através da forma como escreve. Nas suas palavras: “Sou uma contadora de histórias” (ADICHIE, 2019, p. 11).

Acho importante ressaltar, no entanto, que neste texto utilizo como referências três discursos de Chimamanda: *O perigo de uma história única*, *Para educar crianças feministas: um manifesto* e *Sejam todos feministas*, que é, também, objeto desta análise. Esse esclarecimento é importante na medida em que me ajuda a explicar que, embora o livro analisado neste trabalho seja o *Sejam todos feministas*, não é possível desvincular os três discursos que aqui se apresentam, uma vez que todos falam a respeito não só do feminismo e dos estereótipos, mas também sobre a própria Chimamanda e da forma como ela enxerga o mundo. Isso, posso assegurar, se reflete na minha escrita e, conseqüentemente, vai se refletir, também, na minha análise.

Tenho percebido, como já disse, que temos muita dificuldade para falar com aqueles que pensam diferente de nós. Isso se dá porque dialogar com aqueles que não pensam como nós é uma tarefa difícil, cansativa e que exige que moldemos nosso discurso; exige que nos dispamos do vocabulário que comumente usamos para falar sobre os assuntos que dominamos; exige, antes de tudo, que nos coloquemos no lugar daqueles com quem pretendemos conversar, que enxerguemos sua forma de ver o mundo e busquemos estratégias para fazê-los compreender sobre o que falamos.

É por conta disso que considero os discursos da Chimamanda tão relevantes, tão importantes para o movimento feminista: porque se propõem, antes de qualquer coisa, a dialogar com aqueles que não conhecem, que não dominam, que têm medo ou que não gostam do feminismo. Propõem aquilo que considero primordial para que os estereótipos sejam desconstruídos: possibilidade de conhecimento, de reconhecimento e, conseqüentemente, de pertencimento.

¹⁴ O site <<https://www.chimamanda.com/>> está em Língua Inglesa, mas há diversas outras formas de acessar a sua biografia através da internet.

Colocarei, neste texto, apenas o necessário para que compreendamos quem é Chimamanda, como ela escreve e em que ela acredita. Também tentarei, a partir desta subseção, explicar por que considero a escrita (e a fala) dela tão importante para o movimento feminista – ou, pelo menos, de que forma ela dialoga com o movimento que aqui apresentei. Acredito ser relevante pontuar, nesse sentido, que, embora o feminismo no qual acredito seja esse, apresentado nesta seção, em nenhum momento desconsidero ou desmereço as lutas e as demandas das demais vertentes que compõem essa grande bandeira que é o feminismo. Todas as lutas são válidas; todas as lutas precisam existir. Qualquer que seja a forma de lutar, ainda temos em comum o mesmo objetivo: defender os direitos das mulheres; e defender as mulheres.

Mas quem é, então, Chimamanda Ngozi Adichie? O que ela fez e faz? Qual a importância dela para o movimento feminista? Bom, primeiramente, Chimamanda é nigeriana. Considero essa informação essencial para que compreendamos seu discurso, já que ela faz questão de se apresentar como nigeriana, como africana, como imigrante nos Estados Unidos: “Passei a aceitar essa identidade e, de muitas formas, agora penso em mim como africana [...]” (ADICHIE, 2019, p. 18). Além disso, é escritora. Escreveu romances, além de contos e poemas. E é feminista.

Em *O perigo de uma história única*, palestra proferida no TED Talk, em 2009, e transformada em livro, pela primeira vez em português, dez anos depois, Chimamanda defende sua tese sobre as pessoas criarem “histórias únicas” a respeito de coisas, lugares e outras pessoas (ideia da terceira noção de estereótipo discutida anteriormente). No decorrer do livro, que tem apenas 30 páginas, mas nos leva por uma viagem longa a respeito de pré-concebidos, estereótipos e preconceitos, a autora conta uma série de situações que a fizeram perceber que, quando as pessoas não conhecem muitas histórias sobre determinados assuntos, elas criam uma história única para eles, o que, segundo ela, é muitíssimo perigoso, pois “[...] ela [a história única] rouba a dignidade das pessoas” (ADICHIE, 2019, p. 27).

Ao longo do livro, Chimamanda discute temas relacionados à África e a outras histórias únicas do mundo e diz que a criação delas está relacionada, também, ao poder (ADICHIE, 2019). Além disso, ela se apresenta, conta como começou a escrever, como foi para os Estados Unidos e sobre outros projetos de sua vida. Tudo isso com o intuito de aproximar-se do leitor, de deixá-lo conhecer sua vida e, conseqüentemente, desconstruir alguns dos estereótipos que as pessoas possam ter sobre ela e sobre pessoas como ela: “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são

incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (ADICHIE, 2019, p. 26).

Mais tarde, em 2012, quando faz sua palestra *Sejamos todos feministas* (que, como dito anteriormente, foi transformada em livro em 2015), é ainda de estereótipos que fala. Ao argumentar sobre sua vida e carreira enquanto mulher e feminista, Chimamanda vem ao mundo dizer: todos deveríamos ser feministas (ADICHIE, 2015). Ao fazê-lo, a meu ver, ela cruza uma barreira: deixa de ser uma escritora nigeriana e passa a ser uma escritora nigeriana *feminista*. Esse adjetivo é, então, associado a ela como parte da sua identidade e ela passa, também, a se identificar como feminista: “Ele [seu amigo de infância, sobre quem fala no início do livro] tinha razão, anos atrás, ao me chamar de feminista. Eu sou feminista” (ADICHIE, 2015, p. 49).

Foi essa identificação com o movimento, inclusive, que a levou a publicar o livro *Para educar crianças feministas*. Escrito em 2017, em forma de carta a uma amiga que se torna mãe e a questiona sobre como criar sua filha de forma feminista, o livro apresenta 15 conselhos de como oferecer uma criação igualitária às crianças. Ela introduz seu texto da seguinte forma:

Há alguns anos, quando uma amiga de infância [...] me perguntou o que devia fazer para criar sua filha como feminista, minha primeira reação foi pensar que eu não sabia. [...] Mas, como eu me manifestara publicamente sobre o feminismo, talvez ela achasse que eu era uma especialista no assunto (ADICHIE, 2017, p. 7).

Adiante, no final da introdução, a autora diz que, relendo as sugestões que fizera para sua amiga, está decidida a tentar segui-las. Dessa forma, Chimamanda constrói uma narrativa que estabelece uma relação entre enunciador e interlocutor: assim como o leitor, ela também está disposta a tentar seguir esses conselhos, ela está, da mesma maneira, em um percurso de experimentação; não é uma ditadora de regras, que prescreve como é ou deveria ser a criação dos filhos dos outros. Esse tom é recorrente até o fim do livro, já que as *dicas*, na sua maioria, passam uma mensagem de amor e compreensão, de si e da criança: “Mas lembre-se de que você pode fazer tudo o que eu disser e apesar disso ela pode sair muito diferente do que você queria [...]. E sempre confie em seus instintos mais do que em qualquer outra coisa, porque é o amor por sua filha que lhe servirá de guia” (ADICHIE, 2017, p. 13-14).

Embora tenha sido o *Sejamos todos feministas* o livro responsável por acender os holofotes da mídia internacional para a perspectiva de feminismo de Chimamanda (que acabou respingando e sendo atravessada por diversas outras opiniões semelhantes), a meu ver, *Para educar crianças feministas* vem no sentido de reforçar aquilo que é tratado, de forma mais breve, em *Sejamos todos feministas*. Por ser o último a ser lançado, também, vem como uma

forma de reflexão sobre aquilo que foi abordado outrora e sobre de que forma isso influenciou e influencia nas decisões de homens e mulheres atualmente.

Esse é um dos motivos, também, para que eu considere as opiniões de Chimamanda tão relevantes para o universo dos estudos feministas. Embora algumas pessoas do movimento a considerem uma figura estranha, nova a ele, a meu ver, Chimamanda foi uma das autoras a ter maior notoriedade, entre outras coisas, *por ser* feminista. E isso se deu a partir da palestra *Sejamos todos feministas*. Foi nessa oportunidade que ela se voltou ao mundo e disse: sou feminista e temos um problema de gênero a ser resolvido atualmente (ADICHIE, 2015).

Assim, me parece que esses três textos se complementam, de alguma forma, na medida em que tratam de temas transversais uns aos outros – gênero, feminismo e estereótipo –, além de contarem a(s) história(s) que construíram a identidade de Chimamanda. Não é possível, creio eu, desvinculá-los, não tratar de todos juntos, já que, por refletirem os ideais e pensamentos da própria Chimamanda, eles todos contribuem para que eu, enquanto interlocutora, melhor interiorize e compreenda seu *ethos*.

Na seção seguinte, apresento-lhes, finalmente, uma análise mais aprofundada do livro *Sejamos todos feministas*, bem como do blog *Mulheres contra o feminismo*, por meio da análise de seus *ethé*. Para tanto, proponho uma discussão em torno dos conceitos vinculados aos *ethé* analisados, além de retomar as ideias de estereótipo discutidas nesta seção e relacioná-las aos *ethé* analisados, com vistas a compreender de que forma se dá e em que medida ocorre o diálogo entre eles.

5 “SEJAMOS TODOS FEMINISTAS” E “NÃO PRECISAMOS DO FEMINISMO”: DIÁLOGO(S) ENTRE DISCURSOS FEMINISTAS E ANTIFEMINISTAS

“Quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso”
- Chimamanda Ngozi Adichie¹⁵

“O universo da cultura é intrinsecamente responsivo, ele se move **como se** fosse um grande diálogo” (FARACO, 2009, p. 59, grifos do autor). Ou seja, o diálogo (da perspectiva bakhtiniana) é a forma através da qual coexistem as vozes sociais que compõem uma sociedade, em uma cultura. Nesta seção, objetivo, exatamente, fazer dialogar vozes sociais que apresentam formas diferentes de ver o feminismo (e, eu diria, conseqüentemente, a vida). Além disso, proponho, aqui, uma forma de compreender como se constroem as visões acerca do movimento feminista na nossa sociedade e, ainda, como essas visões contribuem para que as mulheres se identifiquem (ou não) com ele.

Início questionando o que significa falar sobre Chimamanda Ngozi Adichie em um texto que se propõe a dialogar com pessoas que não acreditam no movimento feminista? Qual o propósito de escolher uma escritora de textos literários que se aventurou pela teorização de assuntos como feminismo, gênero e estereótipos? A meu ver, escolher um discurso de Chimamanda para ser um dos meus objetos de análise neste trabalho está relacionado, também, à própria ideia de feminismo na qual eu acredito, que eu defendo e que me constitui enquanto feminista, como vimos na seção anterior.

Ao mesmo tempo, falar de Chimamanda aqui se faz essencial, na medida em que o discurso dela tem como intuito apresentar o feminismo para todos aqueles que não o conhecem e falar sobre ele de uma perspectiva diferente, visando desmistificar algumas concepções pré-

¹⁵ (ADICHIE, 2019, p. 33).

estabelecidas a respeito do movimento (objetivo que divido com ela, ao escrever este texto). *Sejamos todos feministas* é um exemplo claro disso, já que se apresenta como uma narrativa leve e sem muitas nomenclaturas, que atinge não somente quem já aderiu ao feminismo, mas principalmente aqueles que ainda não estão totalmente convencidos, que ainda têm dúvidas.

O que significa, por sua vez, escolher um blog antifeminista para compor esta análise? Por que não escolher uma escritora antifeminista? Por que um *blog*? Por que, acima de tudo, compará-lo a um discurso feminista? Eu poderia (e quem sabe fosse até mais interessante) analisar um discurso machista encoberto pelo manto da igualdade entre os gêneros. No entanto, o que sempre me intrigou, nos discursos antifeministas, não são os argumentos contra o feminismo; o que me intriga, há muito tempo, e que se faz objeto de análise, aqui, é justamente como esses argumentos dialogam com o discurso feminista.

É bastante comum, para quem é feminista ou conhece e “compactua” com o feminismo, ouvir pessoas dizendo “sou contra o feminismo! Acredito que homens e mulheres devem ter os mesmos direitos!”, ou “essa história de feminismo é uma bobagem! Homens e mulheres não precisam ser superiores uns aos outros, devem viver em harmonia e igualdade!”. Mais recorrentes, ainda, são os casos de mulheres que são terminantemente contra “essa história aí de feminismo”, mas frequentemente reclamam do fato de os maridos não participarem da criação dos filhos, dos afazeres da casa e que acham que muitas mudanças precisam ocorrer, ainda, para que acabemos com a violência contra a mulher.

Levando em consideração o feminismo de que falo na seção anterior, esse discurso não lhes parece contraditório? Não estariam essas pessoas repercutindo ideias feministas? Para mim, parece que estão, e minha hipótese é que, com esta análise, poderei mostrar que existem muitas pessoas espalhadas pela internet pregando o fim do feminismo, mas que são, na verdade, “feministas desavisadas”, como muito bem pontuou Emma Watson, em seu discurso para a ONU, em 2012. Por isso, também, escolhi o blog *Mulheres contra o feminismo* para fazer parte desta análise. Eu gostaria que, neste texto, eu conseguisse dialogar não só com *uma* antifeminista, mas, de alguma forma, com todo o movimento; e este é o papel do blog: representar as mulheres que não acreditam no feminismo.

Esta seção, portanto, se dedica a isto: investigar, através de uma análise dos *ethé* que compõem o blog *Mulheres contra o feminismo* e o livro *Sejamos todos feministas*, o diálogo entre esses discursos, que, apesar de tão distintos, parecem ser, na verdade, muitíssimo semelhantes. Para isso, apresentarei as características desses *ethé* (explorando os conceitos de

fiador, caráter e corporalidade), como eles se constroem e de que forma estão vinculados às questões anteriormente debatidas neste texto (retomando as noções de *incorporação, mundo ético* e *estereótipo*). Além disso, discutirei as principais convergências e divergências entre esses dois discursos (em que eles se diferenciam? O que têm em comum? Como podemos identificar, através dos *ethé* construídos neles, essas características?), bem como irei tecer considerações acerca do diálogo (da perspectiva bakhtiniana, através do conceito de *refração* do mundo) entre esses dois *ethé*.

5.1 Quem somos?: a construção do *ethos* nos discursos analisados

Acredito ser importante, antes de iniciar propriamente a análise, tecer algumas considerações sobre os dois discursos que analiso aqui. Primeiramente, portanto, gostaria de esclarecer que em nenhum momento deste texto tenho o intuito de humilhar, ridicularizar ou denegrir a luta ou a imagem de nenhuma das autoras do blog *Mulheres contra o feminismo*. Eu não as conheço, e minha análise é voltada, única e exclusivamente, para o seu discurso, para aquilo que está, de fato, escrito no blog (ou aquilo que é evocado através desse discurso). O propósito deste trabalho é entender como essas mulheres concebem o feminismo (e por que elas o concebem dessa forma); é dialogar, propondo uma nova perspectiva sobre o assunto, de modo que se possa, talvez, redesenhar tais pressupostos.

Gostaria, portanto, que este texto não fosse considerado uma ameaça ao movimento antifeminista. Muito pelo contrário. Este texto é um convite para o debate, para o diálogo, para uma nova forma de pensar e reestruturar as ideias tidas como verdadeiras, indissolúveis. Espero que, ao final em bibliotecas, espalhadas pelo Brasil, e devem servir para o começo de uma jornada rumo ao melhor entendimento daquilo que é e a que se propõe o movimento feminista.

Embora tenha lido muitos dos textos publicados no blog, esta análise se detém a três deles: a *tag* “eu não preciso do feminismo”; o *post* “primeiro post sobre nós, mulheres contra o feminismo”; e a página “quem somos”. A *tag* “eu não preciso do feminismo” foi o primeiro contato que tive com o blog. O primeiro texto que li; a primeira impressão que tive. Ela é composta por apenas um post, chamado “Mulheres ao redor do mundo contra o feminismo (não precisamos do feminismo e nem das feministas)”, publicado em 8 de maio de 2013. Esse *post* apresenta uma breve introdução e uma série de imagens de mulheres e meninas segurando cartazes (na sua maioria em inglês) que começam com a frase “eu não preciso do feminismo” (“I don’t need feminism”). As continuções para essa frase variam entre “porque os problemas

dos homens importam tanto quanto os meus e se fazer de vítima não é empoderamento” e “porque eu não acho que ser mulher é uma desvantagem”.

Pesquisando no Google pela frase “I don’t need feminism”, é possível encontrar muitas outras imagens nesse mesmo sentido. Se prestarmos bastante atenção e levarmos em consideração a ideia de feminismo levantada não só pelo *Sejamos todos feministas*, mas também pelas demais escritoras citadas na seção anterior, poderíamos classificar essas frases como mensagens antifeministas que propagam ideais feministas: “Eu não preciso do feminismo. Eu já me sinto livre”. É nesse sentido, a meu ver, que o blog constrói o seu pensamento: utiliza-se do viés antifeminista para reiterar as demandas sociais que considera fundamentais (que, no fim, são feministas).

Essa, claro, é uma análise superficial, feita apenas a partir das concepções de estereótipo e feminismo que eu tenho; ainda sem cunho científico; ainda sem propósito analítico. Eu diria, no entanto, que, se formos além, se olharmos mais a fundo o discurso dessas mulheres, se verificarmos a construção do vocabulário, as imagens selecionadas, se tentarmos compreender as escolhas linguísticas feitas, encontraremos, por baixo de todas as camadas, o *ethos* das Mulheres contra o feminismo; e poderemos comprovar cientificamente, afinal, o que conseguimos ver a partir de uma análise superficial: as autoras do blog discutem temas feministas, porém, existe uma repulsa ao feminismo, causada, provavelmente, por uma visão deturpada e permeada por estereótipos do movimento. É esta análise aprofundada que farei nesta seção, observando como se constrói o *ethos* do blog *Mulheres contra o feminismo*.

Porém, antes, preciso tecer algumas considerações importantes também sobre meu outro objeto de estudo, o livro *Sejamos todos feministas*. Acho importante esclarecer que, embora o conceito de *ethos* sirva para analisar tanto discursos orais quanto escritos, aqui analiso e busco delimitar o *ethos* do livro *Sejamos todos feministas* e não do discurso homônimo proferido por Chimamanda, em 2012. Essa distinção é necessária, pois, embora tenham o mesmo conteúdo, a palestra foi feita em Língua Inglesa e apresenta marcas da oralidade (que são extremamente importantes e podem fazer toda a diferença durante uma análise que tenha esse objetivo), enquanto o livro, além de ser revisado pela autora e apresentar diferenças de ritmo e tom, apenas por estar em linguagem escrita, passou por um processo de tradução, que também se constitui como um filtro cultural, na medida em que existe uma terceira voz que escolheu as melhores palavras para fazer-nos (falantes de Língua Portuguesa) entender as ideias de Chimamanda da melhor forma possível. Nesse sentido, como meu primeiro objeto de análise

é um discurso escrito por falantes de Língua Portuguesa, considere o livro traduzido a melhor forma de fazer dialogar esses dois discursos.

Feitas essas considerações sobre os dois discursos que são objeto de análise deste trabalho, iniciarei agora a análise em si. Para tanto, primeiramente tentarei mapear o *ethos* de cada um desses discursos. Para começar a falar sobre o *ethos* do livro *Sejamos todos feministas*, é importante levar em consideração essa última observação que fiz, sobre minha escolha de tomar como objeto de análise o livro propriamente dito, e não a palestra que deu origem a ele. Mesmo que se trate de um material escrito, ainda assim, é impossível que o discurso perca, totalmente, as marcas de oralidade que o originaram – e nem é esse o objetivo de Chimamanda.

É ao propor uma escrita em forma de contação de histórias (que explicam ao leitor como ela se identificou como, por que ela se tornou e os episódios que a levaram a ser e continuar sendo feminista) que Chimamanda pretende fazer o leitor identificar-se e aderir ao seu discurso. Ao mesmo tempo que atinge um público maior e mais diverso (já que não utiliza tantos jargões e expressões feministas e, portanto, apresenta um texto mais leve e didático, como visto na seção anterior), essa estratégia discursiva nos ajuda a compor o *ethos* do livro *Sejamos todos feministas*, já que, não tendo acesso direto à imagem de Chimamanda, precisamos conceber um sujeito narrador de tais histórias, a partir daquilo que é evocado pelo seu discurso.

Nesse sentido, é sempre válido lembrar que, para aderir a qualquer discurso, é imprescindível que compreendamos e nos identifiquemos com o seu *ethos* e, conseqüentemente, com seu *fiador*. Para relembrar, fiador é a entidade emergida pelo discurso, baseada em concepções sociais coletivas (a respeito) do grupo que está sendo representado por ele, a fim de levar o interlocutor a identificar-se e, dessa forma, aderir ao que está sendo dito (MAINGUENEAU, 2008). Ainda, esse fiador (nos casos analisados, aqui, uma fiadora) é composto por um *caráter* e por uma *corporalidade* que, necessariamente, devem estar de acordo com o discurso que está sendo feito, de modo que a imagem emergida por ele seja condizente com aquilo que está sendo, de fato, dito.

Nesse sentido, propositalmente ou não, Chimamanda inicia o livro *Sejamos todos feministas* contando sobre seu melhor amigo de infância, que morreu em decorrência de um acidente de avião, anos antes, e que foi a primeira pessoa a chamá-la de feminista, quando eram crianças. Essa, sem dúvida, é uma estratégia utilizada no sentido de fazer os interlocutores aderirem ao seu discurso. Ao iniciá-lo falando sobre um amigo querido de infância,

Chimamanda se coloca frente ao leitor como uma pessoa sensível, que está abrindo suas memórias afetivas e em quem o leitor pode confiar. Está aí a primeira marca da fiadora de *Sejamos todos feministas*: uma mulher confiável, sensível e amorosa, cujas relações a levaram a ser quem é – “Até hoje não sei expressar o que senti. Era uma pessoa com quem eu podia discutir, rir e ter conversas sinceras. E também foi o primeiro a me chamar de feminista” (ADICHIE, 2015, p. 11).

No blog *Mulheres contra o feminismo*, a estratégia, embora diferente da usada por Chimamanda, cumpre a função de fazer a leitora (ou o leitor) compreender e visualizar a fiadora do discurso proferido pelo blog. Na *tag* “eu nao preciso do feminismo”, essa fiadora se apresenta, principalmente, através das imagens escolhidas para ilustrar o post: jovens, dentro do que podemos chamar de padrão de beleza ocidental (magras, cabelos longos, pele clara), sorridentes, meigas, simpáticas, etc. Na imagem abaixo (FIGURA 1), encontra-se uma das muitas imagens que poderiam exemplificar essa fiadora. Escolhi essa, em específico, pois ela reitera a imagem das antifeministas (a partir do texto verbal apresentado no cartaz¹⁶) e reforça, por sua vez, a imagem que o blog tem das feministas: tudo aquilo que é muito diferente *disto*, é feminista.

Figura 1: Imagem da *tag* “eu nao preciso do feminismo”



Fonte: Blog *Mulheres contra o feminismo*

A partir dessas imagens e dos textos verbais (que estão nos cartazes e, também, no decorrer do *post* que compõe a *tag*), as autoras do blog procuram reiterar o caráter e a corporalidade da fiadora: uma mulher bonita, forte, independente e que luta contra as mentiras do feminismo, ao contrário das feministas, que apenas acreditam ser fortes e independentes: “Muita feminista adora pensar que é o exemplo de ‘mulher maravilha perfeita-intelectual-

¹⁶ “É assim que uma antifeminista se parece” (tradução minha).

diferente-vimimista-forte [...] e acha e/ou finge que é impossível existirem mais mulheres **contra** as terroristas do movimento feminista” (MULHERES..., 2013, texto digital, grifo das autoras).

No caso de Chimamanda, como vimos, o caráter e a corporalidade da fiadora vão sendo tecidos para o leitor na própria maneira como ela vai construindo seu *ethos*, à medida que conta sua história. Diferentemente do blog, o livro não apresenta a fotografia dela com forma de dar corpo a essa fiadora. Porém, embora não tenhamos acesso direto à sua imagem, várias edições do livro *Sejamos todos feministas* exibem uma imagem de Chimamanda, na capa, contracapa ou, até mesmo, na orelha do livro. Essa imagem (FIGURA 2), poderíamos dizer, parece cumprir função semelhante à das imagens exibidas na *tag* “eu não preciso do feminismo”: reiterar a imagem da fiadora dos textos.

Figura 2: Capa da versão *ebook* de *Sejamos todos feministas*



Fonte: Editora *Companhia das Letras*

Nesse sentido, vale retomar, aqui, as ideias de *ethos discursivo* e *pré-discursivo* (ou *prévio*). De acordo com Maingueneau (2018b), ambos os conceitos são importantes e constitutivos do discurso e devem ser levados em consideração quando analisamos quaisquer textos. Segundo ele, uma vez que o *ethos* pré-discursivo (ou prévio) ocorre fora da cena enunciativa e depende do interlocutor, nem sempre é possível analisá-lo e determinar em que medida ele, de fato, influencia na adesão ao discurso; diferentemente do *ethos* discursivo, que está sempre presente em qualquer cena enunciativa (MAINGUENEAU, 2018b).

Acredito que esses conceitos sejam relevantes, aqui, já que, diferentemente do que ocorre no blog, é possível que tenhamos opiniões e/ou visões prévias acerca da imagem de

Chimamanda. A foto, no entanto, busca equalizar essas diferentes opiniões/pressuposições, apresentando uma mulher sorridente, meiga, bonita, simpática etc. O que percebemos, comparando as fiadoras de *Sejamos todos feministas* e de *Mulheres contra o feminismo*, é que, embora as opiniões a respeito do feminismo e o objetivo de apresentação delas sejam diferentes (inclusive, talvez, opostos), as marcas que constituem essas fiadoras se parecem bastante e elas poderiam, facilmente, se confundir.

Novas marcas dessas fiadoras vão surgindo, no entanto, à medida que vamos adentrando na narrativa de Chimamanda e lendo novos textos do blog, compreendendo seus argumentos e a ligação entre eles. Já no início de *Sejamos todos feministas*, Chimamanda afirma que, durante sua vida, muitas pessoas disseram-lhe que não devia se intitular “feminista”, já que feministas eram mulheres infelizes, feias, que odeiam os homens etc. (ADICHIE, 2015). Como resposta (e com o intuito de desconstruir esse estereótipo), Chimamanda intitula-se como “feminista feliz e africana que não odeia homens, e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para os homens” (ADICHIE, 2015, p. 14).

Tal definição nos ajuda, por sua vez, a internalizar mais um traço da corporalidade e do caráter da fiadora de *Sejamos todos feministas*: uma mulher que, além de confiável, sensível e amorosa, é, também, bonita e elegante, gosta de usar maquiagem e salto alto, não odeia os homens e é feliz por ser feminista. Ao mesmo tempo, ao renegar os estereótipos a respeito do feminismo, Chimamanda está, por sua vez, reafirmando o caráter e a corporalidade das feministas. Ao ilustrar o peso negativo que a palavra *feminista* tem – elencando os diversos adjetivos associados a ela –, está, também, reforçando que, para ela, as feministas *não* são assim e não podem ser vinculadas, sempre, a esses adjetivos.

As autoras do blog, por outro lado, posicionam-se, constantemente, em contraponto às feministas (o que uma é, outra, conseqüentemente, não pode ser). Ao dizerem, por exemplo, que as feministas e suas ideias não as representam – “Não nos sentimos representadas por tais mulheres e suas ideologias extremistas que encaram o homem como inimigo mortal [...]” (MULHERES..., [2012?], texto digital) –, ou que o movimento feminista faz “[...] as mulheres mais tristes e depressivas nos dias de hoje” (MULHERES, [2012?], texto digital), estão se colocando em um lugar contrário, oposto ao das feministas. Na página “Quem somos”, elas também falam brevemente sobre o que pensam a respeito da teoria feminista: “O feminismo da teoria, que é na verdade uma propaganda mentirosa, é completamente diferente do feminismo na pratica [sic]” (MULHERES..., [2012?], texto digital). Essas concepções reforçam a ideia de

que o feminismo é um movimento sem sentido, estranho e que manipula suas seguidoras, criando um ambiente em que as mulheres sejam vistas como vítimas e levando “[...] a liberdade a ser usada como muletas” (MULHERES..., [2012?], texto digital). Esta parece ser, então, a razão de ser do blog: revelar a verdade sobre o feminismo, para evitar que mais mulheres sejam enganadas e manipuladas por ele – “Hora do feminismo ser desmascarado” (MULHERES..., [2012?], texto digital).

Tais ideias – tanto as que Chimamanda renega quanto as que as Mulheres contra o feminismo reforçam –, como visto na seção anterior, estão amplamente ligadas aos estereótipos vinculados às feministas no decorrer da história. Nesse sentido, vale retomar, novamente, a noção de *ethos coletivo*, proposta por Charaudeau (2008a), e que está intrinsecamente relacionada às ideias pré-concebidas que uma sociedade tem de determinado grupo. Nesse sentido, poderíamos pressupor¹⁷ que, para as autoras do blog, o *ethos* coletivo das feministas é o mesmo que Chimamanda busca desconstruir. Mais uma vez, então, percebemos um diálogo entre as autoras de *Mulheres contra o feminismo* e de *Sejamos todos feministas*, já que ambas parecem conceber os mesmos estereótipos acerca do movimento feminista. A recuperação desses estereótipos, contudo, se dá de maneiras diferentes em cada discurso: enquanto as Mulheres contra o feminismo tentam justificar a escolha de *não* ser feminista a partir desses estereótipos, Chimamanda tenta desconstruí-los, mostrando que não é preciso ser dessa forma para ser feminista. Adiante, apresento outras divergências entre os discursos desses dois *ethé*, de modo a expandir essa discussão.

5.2 “A favor da feminilidade” e “Quero ser respeitada pela minha feminilidade”: principais dissonâncias

Além dos objetivos de cada texto (que são opostos, como vimos), outras divergências podem ser elencadas nesta análise. Uma delas pode ser encontrada no que tange à ideia de feminilidade. Chimamanda reitera a corporalidade de sua fiadora à medida que indica, no livro, a importância que a feminilidade tem, para si: “Decidi parar de me desculpar por ser feminina. E quero ser respeitada por minha feminilidade. Porque eu mereço [...]. Sou feminina. Sou feliz por ser feminina” (ADICHIE, 2015, p. 41). Sendo assim, ela reforça a ideia de feminilidade associada à luta feminista, uma vez que, segundo ela, o paradigma social vinculado à aparência

¹⁷ Utilizo pressupor, aqui, pois não é possível, para mim, afirmar qual o *ethos* emergido pelos discursos feministas para as autoras do blog, já que o *ethos* é uma entidade que se manifesta em relação ao interlocutor.

é masculino e, portanto, a feminilidade é vista de forma pejorativa: “[...] quanto menos feminina for a aparência de uma mulher, mais chances ela terá de ser ouvida” (ADICHIE, 2015, p. 40). Nesse sentido, é possível dizer que, para ela, parte da luta feminista está vinculada à ideia de tornar a feminilidade algo natural e que, portanto, deve ser respeitado.

As Mulheres contra o feminismo, por outro lado, associam a feminilidade e o orgulho de ser mulher à luta antifeminista. Ao afirmarem que são “[...] a favor da feminilidade, do orgulho de ser mulher [...]” (MULHERES..., [2012?], texto digital), reforçam o ideal de sua luta e, conseqüentemente, sugerem que as feministas não são femininas e não sentem orgulho de serem mulheres. Isso pode ser observado e afirmado, à medida que, no decorrer de todas as postagens do blog, como mencionado anteriormente, as autoras se colocam em oposição às feministas.

Dessa forma, pode-se perceber que tudo que é associado às Mulheres contra o feminismo não pode ser associado às feministas, pois isso iria contra o pressuposto básico do discurso do blog: tudo aquilo que as feministas são, nós não somos; e vice-versa. A ideia de que as feministas não sentem orgulho de serem mulheres e não são femininas é recuperada, também, no primeiro *post* feito pelo blog, de 2012, quando apresentam seu objetivo: “[...] combater quem tem vergonha de ser mulher e quer se tornar um homem vestido de saias” (MULHERES..., 2012, texto digital).

Outra divergência está relacionada às estratégias utilizadas pelas enunciantoras para levar as(os) leitoras(es) a incorporar seus discursos. No final de *Sejamos todos feministas*, por exemplo, Chimamanda invoca duas personagens essenciais para fazer o interlocutor aderir ao seu discurso: sua bisavó e seu irmão. Ao fazê-lo, ela retoma a ideia discutida na seção anterior de que qualquer pessoa pode ser feminista. Essa é uma estratégia importante, já que visa dar subsídios para que, qualquer que seja a leitora (ou leitor), ela (ou ele) possa identificar-se como feminista. Além de ser como a fiadora apresentada antes (sensível, feminina, feliz, elegante, confiável), com quem queremos nos identificar, Chimamanda faz com que o interlocutor também possa se identificar com a imagem de sua bisavó – uma mulher forte, que lutou pelo seu direito de voz, casou-se com o homem que amava e foi feliz (ADICHIE, 2015) – ou com a imagem de seu irmão – que, além de feminista, “[...] também é um jovem legal, bonito e muito másculo” (ADICHIE, 2015, p. 49).

Por último, ao afirmar que “Mais mulheres deveriam reivindicar essa palavra [feminista]” (ADICHIE, 2015, p. 49), Chimamanda lança mão de mais uma estratégia para

fazer seu interlocutor aderir (incorporar) ao seu discurso. A noção de *incorporação* é proposta por Maingueneau (2008), que, como vimos na seção 3, entende que, após associar ao fiador seu respectivo caráter e sua corporalidade, o interlocutor assimila o conjunto de formas que esse fiador tem de habitar o mundo a partir de seu próprio corpo, o que, portanto, leva-o a construir uma imagem coletiva daqueles que aderem a um mesmo discurso (um *mundo ético*¹⁸). Nesse sentido, ao dizer que mais mulheres deveriam reivindicar o título de feminista, Chimamanda está afirmando que mais mulheres deveriam incorporar seu discurso, se apropriar dele e fazer parte do mundo ético feminista.

As *Mulheres contra o feminismo* também utilizam estratégias para levar os interlocutores a aderirem ao seu discurso. Elas apresentam, por exemplo, a ideia que têm de feminismo: “Feminismo não quer dizer ser mulher e pelo que podemos notar hoje esse movimento é algo completamente estranho, para não dizer bizzaro [sic]. O feminismo hoje na verdade acaba mais nos causando traumas e infelicidade que outra coisa” (MULHERES..., 2012, texto digital). Ao dizer isso, elas procuram se distanciar do feminismo, propondo um movimento que (a seu ver, diferente do feminismo) faz sentido, busca defender as mulheres e fazê-las ficar mais felizes. Nesse sentido, as autoras propõem um movimento com o qual as mulheres possam se identificar – que possam incorporar. Propõem, ao mesmo tempo, um mundo que as mulheres possam compartilhar com elas: o mundo ético das antifeministas.

Um conceito que se relaciona com a concepção de mundo ético, por sua vez, é o de *refração* do mundo, proposto por Bakhtin, que, como vimos na seção 2, diz respeito às várias verdades mutuamente contraditórias que “[...] equivalem aos diferentes modos pelos quais o mundo entra no horizonte apreciativo dos grupos humanos (FARACO, 2009, p. 51). Ou seja, refratar o mundo está relacionado à nossa propriedade intrinsecamente humana de não apenas descrever (refletir) o mundo, mas também de interpretá-lo, ressignificá-lo através de nossas experiências pessoais e sociais e, conseqüentemente, do nosso discurso.

Dessa forma, podemos entender que existem diferentes maneiras de refratar um mesmo signo linguístico, que podem, inclusive, ser contraditórias (FARACO, 2009). Ainda, a refração é uma propriedade inerente ao signo, pois, para Bakhtin, “[...] *não é possível significar sem refratar*” (FARACO, 2009, p. 51, grifos do autor). Assim, se levarmos em consideração o

¹⁸ Como vimos na seção 3, conforme Maingueneau (2008, p. 18), “o fiador implica ele mesmo um ‘mundo ético’ do qual ele é parte pregnante e ao qual ele dá acesso”; ou seja, ao incorporar esse fiador, compreendemos o seu mundo ético e, conseqüentemente, passamos a compartilhar tal mundo com ele. Ainda segundo Maingueneau (2008), esse mundo ético diz respeito a situações estereotipadas que são associadas a comportamentos.

signo *feminismo*, e tendo em vista os discursos que aqui analiso, podemos concluir que Chimamanda e as Mulheres contra o feminismo refratam-no de forma diferente, já que as significações “[...] estão marcadas pela diversidade de experiências dos grupos humanos, com suas inúmeras contradições e confrontos de valorações e interesses sociais” (FARACO, 2009, p. 51).

É nesse sentido que os conceitos de refração e mundo ético convergem, pois, enquanto as Mulheres contra o feminismo representam uma voz social, Chimamanda representa outra, com diferentes experiências e valorações, o que faz com que a forma de refratar o signo *feminismo* seja, portanto, também diferente; essas vozes sociais, por sua vez, habitam mundos éticos diferentes.

Outro conceito que está ligado ao de mundo ético, incorporação e, conseqüentemente, aos próprios estereótipos, são as *dimensões* que podem ser atribuídas ao *ethos*. De acordo com Maingueneau (2018b), elas dividem-se entre “categorial”, “experiencial” e “ideológica”, como já vimos na seção 3¹⁹. As Mulheres contra o feminismo parecem utilizar a dimensão experiencial para atribuir às feministas ideias que são, em grande parte, estereotipadas, como as ideias, sugeridas pelas frases anteriormente comentadas, de que as feministas não se parecem com as mulheres dos cartazes apresentados, de que as feministas veem os homens como inimigos etc. No discurso de Chimamanda, por outro lado, é a dimensão ideológica que parece estar em vigor: ela se posiciona como feminista e, a partir disso, reconstrói a própria dimensão experiencial das feministas.

Os discursos de Chimamanda e das Mulheres contra o feminismo convergem, no entanto, no que diz respeito à visão que elas têm dos homens. Embora superficialmente pareça que elas discordam, se analisarmos mais a fundo o que cada uma delas diz, é possível verificar que Chimamanda, assim como as autoras do blog, consideram mulheres e homens diferentes biologicamente: “Homens e mulheres são diferentes. Temos hormônios em quantidades diferentes, órgãos sexuais diferentes e atributos biológicos diferentes” (ADICHIE, 2015, p. 19-20); “Homens e mulheres sempre foram diferentes e se complementaram” (MULHERES..., 2012, texto digital).

¹⁹ A dimensão categorial se relaciona com a categorização do *ethos* e pode tratar de posições discursivas ou extradiscursivas: mulher, mãe, contadora de histórias, brasileira etc. A dimensão experiencial, por outro lado, diz respeito às características estereotipadas associadas a essas categorizações: feminilidade e sensibilidade das mulheres. Já a dimensão ideológica está relacionada aos posicionamentos dentro de determinado campo discursivo (político, literário etc): feminista, modernista, de esquerda etc.

Além disso, tanto as autoras do blog quanto Chimamanda consideram os sofrimentos dos homens (e os próprios homens) tão importantes quanto os das mulheres. No blog, essa ideia é recuperada através dos cartazes da *tag* “eu não preciso do feminismo”, em que podemos ler que “os problemas dos homens importam tanto quanto os meus”, ou na página “Quem somos”, em que as autoras indicam que, diferentemente das feministas, elas não consideram os homens como “inimigo mortal” (MULHERES..., [2012?], texto digital). Em *Sejamos todos feministas*, essa ideia é expressa à medida que Chimamanda afirma que os homens sofreram “e sofrem até hoje” (ADICHIE, 2015, p. 45). Chimamanda aprofunda tal discussão, no entanto, ao dizer que, embora os homens sofram pelos mais diversos fatores, eles ainda convivem com os privilégios de serem homens em uma sociedade na qual, infelizmente, ainda são vistos como melhores, mais capazes e superiores às mulheres²⁰.

Tendo em vista a concepção de diálogo proposta por Bakhtin, em que se entende que “*um tenso combate dialógico ocorre nas fronteiras*” (BAKHTIN apud FARACO, 2009, p. 69), as relações dialógicas podem ser vistas como espaços de tensão entre enunciados. Isso significa, como vimos na seção 2, que diálogo não significa consenso (FARACO, 2009, p. 47). Nesse sentido, entende-se que, mesmo quando há divergências, ainda pode haver, contudo, diálogo.

5.3 Orgulhosas e felizes de sermos mulheres: consonâncias e diálogos

Falando, ainda, das convergências entre os *ethé* analisados, o exemplo mais claro, para mim, é a frase que intitula esta monografia: orgulhosas e felizes de sermos mulheres. Essa frase, além de estar escrita, com outras palavras, na seção “Quem somos”, do blog, compõe, também, seu subtítulo: *Mulheres contra o feminismo: orgulhosas e felizes de sermos mulheres*. Embora não seja reproduzida exatamente desta forma no livro *Sejamos todos feministas*, acredito que essa seja uma excelente paráfrase para a frase “Sou feliz por ser feminina” (ADICHIE, 2015, p. 41). Além disso, no decorrer de todo o livro, é possível apreender a ideia de que, assim como a fiadora, todas as mulheres deveriam ser felizes e orgulhosas de serem mulheres.

²⁰ Tendo em vista que a palavra “privilégio” pode ser vista com maus olhos, me proponho a melhor explicar essa questão: ao dizer que homens nascem com os privilégios de serem homens, Chimamanda está se referindo a um contexto histórico que colocou, por muito tempo, as mulheres em segundo plano; que as tratou como seres inferiores, menos capazes. Embora saibamos que isso vem mudando em muitos contextos, ainda é difícil afirmar que mulheres e homens vivem em condições igualitárias (por inúmeras questões, que vão desde condições trabalhistas, até o poder de tomar decisões acerca do seu próprio corpo) em todo o mundo. Nesse sentido, ao questionar os privilégios masculinos, Chimamanda não está dizendo que as mulheres deveriam ter privilégios, muito pelo contrário, ela está afirmando que mulheres e homens deveriam construir um mundo melhor.

Nesse sentido, podemos perceber, novamente, que, embora os objetivos e o resultado esperado para o uso dessa expressão sejam diferentes – ou melhor, que embora essas duas enunciadoras a refratem de modo diferente –, o ideal é o mesmo: mais mulheres deveriam, assim como as fiadoras, ser orgulhosas e felizes de serem mulheres. Da mesma forma, as enunciadoras usam a primeira pessoa do plural, colocando-se no discurso, forma de aproximar-se do interlocutor e conceber a ideia de um “nós”, que leva à incorporação desse discurso.

Através desta análise é possível perceber, portanto, que as ideologias levantadas pelos *ethé* evocados pelos dois discursos, embora divirjam em alguns sentidos (principalmente no que diz respeito aos objetivos que cada um dos discursos carrega consigo, afinal eles representam vozes sociais diferentes e, em função disso, refratam o mundo de forma diferente), em muitos aspectos, também, convergem, quase confundem-se. Parece-me que, se desconsiderássemos as ideias acerca do feminismo, como já dito anteriormente, teríamos discursos muito semelhantes, uma vez que em todos os outros aspectos, eles transparecem os mesmos ideais, ao suscitarem fiadoras com caráter e corporalidade semelhantes. Além disso, eu diria que, se fizéssemos isso (se desconsiderássemos as ideias acerca do feminismo), poderíamos identificar-nos com ambas as fiadoras. Isso nos conduz a perceber que as visões de mundo dos dois *ethé* são parecidas; no entanto, seus discursos se direcionam a dois públicos diferentes: um deles fala para as feministas e o outro, por sua vez, para as antifeministas, o que as faz refratarem o feminismo de forma diferente.

Mas como é possível que nos identifiquemos com os dois *ethé*, sendo que eles representam discursos tão diferentes? É claro que, se levarmos em consideração que ser feminista ou ser antifeminista faz parte do caráter dessas fiadoras, não seria possível que uma pessoa feminista se identificasse com o discurso antifeminista – e nem o contrário. As semelhanças entre esses *ethé*, no entanto, podem ser uma resposta para a pergunta que norteia este trabalho: as feministas e as antifeministas compartilham diversos ideais e concepções de mundo, no entanto, têm ideias opostas com relação ao feminismo, o que faz com que as primeiras se identifiquem com o movimento e as segundas não.

Retomando a ideia de incorporação (e como ela está vinculada à constituição de um mundo ético, compartilhado entre locutor e interlocutor), podemos compreender que, inicialmente, não seria possível uma adesão por parte das feministas ao discurso do blog, nem, por outro lado, uma identificação por parte das antifeministas às ideias do livro, já que, em

ambos os casos, locutor e interlocutor integram mundos éticos diferentes – refratam o mundo de forma diferente.

Parece-me que, sendo o conceito de mundo ético ancorado em ideias de mundo generalizadas e concepções estereotipadas – as quais, conforme a noção de refração, dependem das experiências, do quadro de valoração e dos interesses dos diferentes grupos sociais –, a única forma de relativizar essa questão seria, então, desmistificando os estereótipos pré-concebidos do feminismo. Parece-me, também, que é justamente isso que Chimamanda tenta fazer em *Sejamos todos feministas*: dialogar com aqueles que não conhecem ou não entendem o movimento feminista a fim de desmascarar os preconceitos acerca do movimento, levando, por conseguinte, a uma incorporação do interlocutor ao seu discurso. Essa postura frente aos estereótipos ligados ao feminismo permite perceber que, ao passo que as Mulheres contra o feminismo dialogam com apenas uma concepção de feminismo (a estereotipada), Chimamanda, ao dialogar com as outras vozes sociais que falam sobre feminismo, assume as tensões e a luta de forças que há na constituição de qualquer sujeito e de qualquer discurso.

Nesse sentido, se torna relevante retomar as noções de *ethos dito* e *ethos mostrado*, conceitos propostos por Maingueneau (2018b), como vimos na seção 3. O *ethos* dito, como nos lembra Maingueneau (2018b), é aquele que está expresso no discurso, efetivamente. No caso do blog, o *ethos* dito se manifesta a partir das convicções explicitadas no decorrer dos textos: “somos um grupo de mulheres que decidiram escrever esse blog e divulgamos algo que as pessoas pensam não existir: mulheres que querem combater o feminismo” (MULHERES..., [2012?], texto digital). Em *Sejamos todos feministas*, o *ethos* dito se manifesta a partir das afirmações que Chimamanda faz sobre si própria: “Gosto de salto alto e de variar batons” (ADICHIE, 2015, p. 41).

O *ethos* mostrado, por outro lado, é aquele que se manifesta através do que está sendo dito. Maingueneau (2018b) também o vincula à ideia de *ethos discursivo*, ou seja, aquele que se dá pelo discurso. Nos principais trabalhos a respeito do *ethos* tenta-se verificar a efetividade do *ethos* mostrado, ou seja, se o *ethos* dito coincide com o *ethos* mostrado. Nos textos analisados aqui, podemos fazer, também, essa análise.

Se compararmos o *ethos* mostrado do livro *Sejamos todos feministas* (análise feita anteriormente) com seu *ethos* dito, perceberemos que eles se complementam: através do discurso de Chimamanda, é possível perceber que a fiadora é, de fato, como diz ser. No discurso do blog, por outro lado, se compararmos os *ethé* dito e mostrado, perceberemos uma distinção:

embora as Mulheres contra o feminismo se digam contra o feminismo, com uma análise mais profunda, é possível perceber que elas, na verdade, reivindicam e reproduzem discursos feministas.

Nesse sentido, seria possível, a meu ver, que antifeministas, após compreender mais a fundo o que é e a que se propõe o feminismo, se identificassem com o movimento feminista e entendessem a importância e a necessidade dele, já que, como pudemos perceber, em muitos sentidos, os discursos e as ideias antifeministas se assemelham aos discursos e às ideias feministas. Ao mesmo tempo, é importante salientar que, como nos lembra Bakhtin, sempre haverá tensões e dissonâncias entre as diferentes vozes sociais, pois é assim que se dá a realidade discursiva: na responsividade entre diferentes discursos (FARACO, 2009). No entanto, é preciso que diferentes vozes sociais (diferentes discursos) estejam dispostas a dialogar, evitando, assim, uma realidade monológica, em que apenas uma voz é tida como verdadeira e absoluta.

É com este objetivo, inclusive, que se apresenta este texto: propor um espaço para diálogo e compreensão mútua entre discursos (nem tão) divergentes, a fim de que as ideias acerca do feminismo (e do antifeminismo) sejam discutidas, debatidas e reconfiguradas. Espero, portanto, que, a partir deste trabalho, eu tenha conseguido desestabilizar as fronteiras entre as feministas e as antifeministas e, além disso, que eu tenha proporcionado um desacomodar nas(os) leitoras(es) e que elas(els) se proponham a, junto comigo, questionar ideias que são baseadas em estereótipos e pré-conceitos, defender os direitos de todos e dialogar com aqueles que pensam diferente de nós. Afinal, em um mundo cada vez mais monológico, apenas através do debate e da compreensão de outros pontos de vistas é que conseguiremos vivenciar um contexto dialógico.

(IN)CONCLUSÃO

O que podemos (se é que podemos) concluir, então, deste processo? Eu diria que, acima de tudo, este foi um percurso de reflexão, em vários sentidos. Em primeiro lugar porque me possibilitou repensar questões que eu tinha como prontas, acabadas em si. Em segundo lugar, porque me deu a oportunidade de dialogar não só com aqueles que falam a minha língua, mas, espero, também com aqueles que, embora falem português, pensam e vivem em mundos diferentes do meu. Além disso, este processo me possibilitou explorar uma área de estudos que se mostra ainda mais encantadora, à medida que as coisas se encaixam e fazem mais sentido. Percebo, então, que finalmente pareço ter encontrado uma área para fincar raízes; uma área que me permite não só pensar sobre a linguagem, mas, principalmente, me permite compreender de que forma ela se relaciona ao mundo em que vivemos e como ela contribui para, por sua vez, ressignificá-lo.

Nesse sentido, espero que este trabalho também os tenha feito refletir sobre as obviedades da vida e que, a partir dele, novas e muitas dúvidas nasçam, cresçam e floresçam. E se transformem em novos processos que, por sua vez, forneçam novas dúvidas ao mundo, pois, como nos lembra Bakhtin (apud FARACO, 2009), sempre haverá tensões entre as diferentes vozes sociais.

Assim, tendo em vista que este trabalho se propunha a discutir as interlocuções possíveis entre um *ethos* evocado por um discurso feminista e um *ethos* suscitado por um discurso antifeminista e qual a relação que se estabelece entre esses *ethé* e o(s) estereótipo(s) feminista(s), pude concluir, a partir da análise feita, que os *ethé* dos discursos feminista e antifeminista dialogam frequentemente. Levando em consideração o conceito de diálogo como um espaço de eterna tensão entre diferentes quadros de valoração (e que, portanto, pode gerar consenso, ou não), é possível entender que, embora à primeira vista eles pareçam divergir muito mais do que convergir, existem muitas consonâncias nos discursos dos dois *ethé* analisados, de

modo que se torna possível afirmar, então, que – excluindo-se a visão a respeito do feminismo – os discursos se (con)fundem.

Além disso, após feita a análise, é possível afirmar que, embora lutem por ideais diferentes, ambas as fiadoras utilizam-se do mesmo conceito de feminismo, apoiam-se no mesmo estereótipo. O que as distingue, no entanto, é a forma como se posicionam frente a esse estereótipo (a forma como refratam o signo *feminista*): enquanto a fiadora de *Sejamos todas feministas* utiliza-se do estereótipo da feminista feia, mal arrumada, mal humorada etc. para desconstruí-lo, a fiadora do blog *Mulheres contra o feminismo* ancora-se nesse estereótipo de modo a reafirmá-lo, como estratégia para que mais mulheres venham a aderir ao seu discurso.

Ao mesmo tempo, é possível perceber que essas duas fiadoras compartilham visões de mundo bastante semelhantes, à medida que acreditam que deve haver igualdade entre os sexos (os gêneros), sem que mulheres sejam superiores aos homens e vice-versa; ou que os direitos das mulheres são tão relevantes quanto os dos homens etc. Desse modo, é impossível não reconhecer as consonâncias e divergências entre esses dois *ethé* e, conseqüentemente, o diálogo entre eles, pois, como vimos, diálogo não necessariamente é consenso (FARACO, 2009).

Mesmo assim, sendo todos os enunciados ideológicos, como nos lembra Bakhtin, é impossível que, aqui, eu não coloque, também, o meu posicionamento (FARACO, 2009). Depois desta análise, o que pude perceber é que, assim como afirma Gonçalves (2019), a aversão ao feminismo é, em grande parte, fruto de uma incompreensão. E a incompreensão leva à criação de inverdades, estereótipos (GONÇALVES, 2019) e, conseqüentemente, a histórias únicas (ADICHIE, 2019). Nesse sentido, me propus, aqui, a dialogar, também, com aqueles que ainda sentem aversão ao feminismo. Espero que, ao final deste processo, eu tenha conseguido propor uma reflexão ampla o suficiente para abarcar não somente os feministas, mas, principalmente, aqueles que ainda não se descobriram feministas, pois, do meu ponto de vista – que dialoga com diversas autoras citadas aqui –, todos podem ser feministas.

Dessa forma, este foi o objetivo deste trabalho: ser uma voz dialogizante, neste mundo que parece estar, em tantas manifestações discursivas, sucumbindo a forças monologizantes. Espero que, nessa eterna luta entre as vozes sociais, este TCC possa pelo menos ajudar a fazer com que, da forma mais frequente possível, a concepção de feminismo de Chimamanda possa ter seu(s) festivo(s) retorno(s).

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- _____. *Para educar crianças feministas: um manifesto*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- _____. *O perigo da história única*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: _____ (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018a. p. 9-28.
- _____. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: _____ (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018b. p. 119-144.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2008a.
- _____. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Coordenação da equipe de tradução Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008b.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 69-92.

ESTEREÓTIPO. In: *Michaelis*: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. 2015. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=estere%C3%B3tipo>>. Acesso em: 30 set. 2019.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo*: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GONÇALVES, Marli. *Feminismo no cotidiano*: bom para mulheres. E para homens também... São Paulo: Contexto, 2019.

HADDAD, Galit. Ethos prévio e ethos discursivo: o exemplo de Romain Roland. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso*: a construção do ethos. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 69-92.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky. 2. ed. Campinas: Pontes, 1993.

_____. *Análises de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. Disponível em: <<https://www.martinsfontespaulista.com.br/ethos-discursivo-234936.aspx/p>>. Acesso em: 07 out. 2019.

_____. *Discurso e análise do discurso*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso*: a construção do ethos. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018a. p. 69-92.

_____. Retorno crítico à noção de ethos. Tradução de Maria da Glória Corrêa di Fanti e Liz Feré. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 53, n. 3, p. 321-330, jul-set. 2018b. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/32914>>. Acesso em: 31 out. 2019.

MARSON, Melina Izar. Da feminista “macha” aos homens sensíveis: o feminismo no Brasil e as (des)construções das identidades sexuais. *Cadernos AEL*, v. 2, n. 3/4, maio 2012.

MULHERES CONTRA O FEMINISMO. *eu nao preciso do feminismo*. 2013. Disponível em: <<https://mulherescontraofeminismo.wordpress.com/tag/eu-nao-preciso-do-feminismo/>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

_____. *Quem somos*. [2012?]. Disponível em: <<https://mulherescontraofeminismo.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 2 nov. 2019.

_____. *Primeiro post sobre nós, mulheres contra o feminismo*. 2012. Disponível em: <<https://mulherescontraofeminismo.wordpress.com/2012/05/>>. Acesso em: 2 nov. 2019.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. (Orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

NOGUEIRA, Conceição. Feminismo e discurso do gênero na psicologia social. *Psicologia & Sociedade: Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social*, São Paulo, v. 13, n. 1, 2001. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/4117>>. Acesso em: 1 out. 2019.

ONU MULHERES. *ElesPorElas*. [2014]. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/elsesporelas/>>. Acesso em: 3 out. 2019.

SORJ, Bila. O estigma das feministas. *O Globo*. 2005. Disponível em: <<http://www.clam.org.br/destaque/conteudo.asp?inford=251&sid=4>>. Acesso em 4 out.

TIBURI, Márcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

WATSON, Emma. *Gender equality is your issue too*. 2014. Disponível em: <<https://www.unwomen.org/en/news/stories/2014/9/emma-watson-gender-equality-is-your-issue-too>>. Acesso em: 3 out. 2019.